



revista



mensal | janeiro de 2022 | n.º 7 | ano 28 |  /sescrevistae |  /sescrevistae | [sescsp.org.br/revistae](mailto:revistae@sescsp.org.br) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

ROTINA EM MOVIMENTO | EXPOSIÇÃO FORTE SÃO JOÃO | AUSENTE MANIFESTO | FRANCISCO MIGNONE |
FELIPE HIRSCH | VIÉS DEMOCRÁTICO | PAULO MENDONÇA | MARGARETH DALCOLMO | LEONARDO CALIX SOARES



sesc
Verão
2022

**JANEIRO -
FEVEREIRO**

LAZER LEVAÍDO A SÉRIO

Programação especial de verão que ressalta a importância do lazer na vida cotidiana, e no desenvolvimento da saúde física e mental dos indivíduos e da sociedade.

Aulas abertas, recreações, torneios, jogos e muitas atividades gratuitas, que oferecem de maneira plural, acessível e segura, experiências e vivências esportivas para todos.

Atividades presenciais nas Unidades do Sesc e on-line.

**ACOMPANHE
A PROGRAMAÇÃO:
SESCSP.ORG.BR/SESCVERAO**

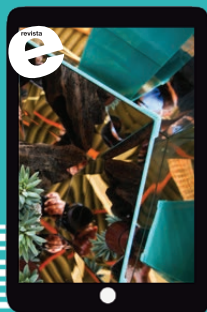




Calendário do CEA Sesc Mogi das Cruzes. Artista: Beto Paiva. Foto: Ricardo Ferreira

O Centro de Educação Ambiental (CEA) do Sesc Mogi das Cruzes oferece a seu público a oportunidade de conhecer as iniciativas socioambientais, por meio da permacultura e da agroecologia. Concebido e construído com tecnologias sustentáveis, o CEA aplica conhecimentos tradicionais e modernos voltados ao uso consciente e responsável dos recursos locais. Em sua cenografia, proposta pelo artista plástico Beto Paiva e pela produtora Ângela Barbosa, do Atelier Cenográfico, o CEA usa elementos ópticos, reflexos e luzes para destacar estruturas da natureza, técnicas de bioconstrução, detalhes de organismos e pinturas com tintas de terra. Em nossa capa, a caixa de espelhos convida a descobrir detalhes e segredos de uma singela suculenta, que poderia passar despercebida na paisagem. Visite o CEA e descubra esta e outras surpresas no Sesc Mogi das Cruzes. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira, das 13h às 22h; sábados, domingos e feriados, das 9h às 18h. Agendamento de visita guiada gratuita pelo app Credencial Sesc SP.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones



Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

Saúde e bem-estar como valor essencial

O ano de 2022 se inicia e, com ele, renovam-se o desejo e a expectativa de um novo ciclo, mais harmonioso e próspero. O enfrentamento da pandemia de Covid-19 que marcou nosso tempo recente impôs grandes desafios, mas também reafirmou o valor daquilo que nos é essencial, como a saúde, a educação, a ciência e o bem-estar da população. O Sesc – Serviço Social do Comércio está presente na vida da sociedade desde 1946, quando foi criado e mantido pelo empresariado do setor de comércio, serviços e turismo, contribuindo na promoção da qualidade de vida dos trabalhadores, de seus dependentes e de toda a comunidade.

Atua, portanto, numa perspectiva de proporcionar o bem-estar, dando novos sentidos e significados ao lazer e o tempo livre, promovendo encontros, numa ação educativa permanente, realizada em seus centros culturais e esportivos presentes em todo estado, e também nos ambientes digitais. Um compromisso que se reafirma e que se renova a todo momento, compreendendo, assimilando e se adaptando às necessidades atuais, mas sem perder nunca a essencialidade de sua ação. Que venha 2022!

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

Vida em movimento

Há uma conotação cidadã à essência do movimento: o caminhar que nos conecta à cidade, o andar a pé que nos faz perceber as miudezas do cotidiano, no qual olhares se cruzam e cumplicidades são construídas na relação com aqueles que percorrem os mesmos caminhos. Deste modo, ocupar os espaços públicos é também um exercício de convivência que se relaciona à partilha e que nos ensina na experiência das pluralidades tantas que compõem a vida nos grandes centros urbanos. Desde a pandemia, ficamos mais reservados aos espaços privados. Agora, neste processo cuidadoso da retomada das atividades, exercitamos este retorno aos ambientes compartilhados, compreendendo o lazer e a prática de atividades físico-esportivas como um meio de sociabilização. Reportagem desta edição da *Revista E* aborda este tema e traz detalhes da programação do Sesc Verão.

O momento atual da pandemia já permite a realização de diversas atividades, mas protocolos como o uso de máscaras de proteção e a vacinação em massa continuam essenciais, como aponta, em *Encontros*, a infectologista e pesquisadora Margareth Dalcolmo. Em *Entrevista*, o diretor e dramaturgo Felipe Hirsch fala sobre a estreia da temporada de *Língua Brasileira*, espetáculo que ocupa o palco do Teatro Anchieta, no Sesc Consolação, a partir do dia 6.

Boa leitura e feliz 2022!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Matheus José Maria

Em *ENTREVISTA*, o diretor e dramaturgo FELIPE HIRSCH fala sobre parceria com o músico Tom Zé e estreia do novo espetáculo nos palcos do Sesc São Paulo **10**



Ariana Nishi

Atividades físicas e esportivas colocam a *ROTINA EM MOVIMENTO*, proporcionando saúde, bem-estar, vínculos sociais e reconexão com a cidade **20**



Acervo CEDOC / FTVRI

No *PERFIL*, a faceta erudita e popular que marcou vida e obra do músico, compositor e maestro FRANCISCO MIGNONE **28**



Letícia de Barros, Procu-ro-me, 2002 / Foto: Kalo Barreto

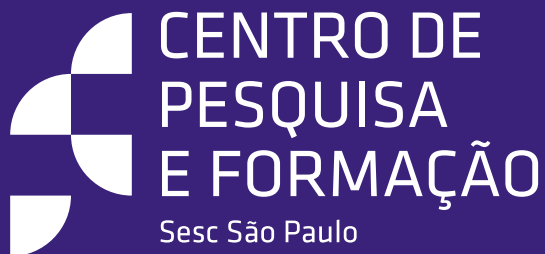
Na *GRÁFICA*, obras do acervo do MAM na exposição *AUSENTE MANIFESTO* relativizam fronteiras de linguagens artísticas **36**



Dieno Bacchiola / Prefeitura Municipal de Bertoga

Narrativas plurais e diversas guiam a exposição do *FORTE SÃO JOÃO*, realizada em patrimônio histórico e artístico nacional na cidade de Bertoga **54**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA VIÉS DEMOCRÁTICO	58
ENCONTROS MARGARETH DALCOLMO	64
INÉDITOS PAULO MENDONÇA	74
ALMANAQUE PAULISTANO	82
P.S. LEONARDO CALIX SOARES	86



CURSO SESC DE GESTÃO CULTURAL

2022

Inscrições no processo seletivo:

de 5 a 28 de janeiro de 2022

Informações:

sescsp.org.br/csgc2022



João Sigall

DIVERSOS 22

PROJETO QUE CELEBRA O CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA E O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL DÁ CONTINUIDADE À PROGRAMAÇÃO NESTE ANO

Ao longo deste ano, o projeto *Diversos 22 – Projetos, Memórias, Conexões* do Sesc São Paulo dá sequência a sua programação, que teve início em setembro de 2021. Para a celebração das duas efemérides – centenário da Semana de 1922 e bicentenário da Independência do Brasil – serão realizadas atividades artísticas e socioeducativas no formato híbrido (online e presencial), bem como uma ação em rede nas unidades da capital, interior e do litoral do Estado de São Paulo. São seminários e cursos, festivais, programas musicais e audiovisuais, exposições artísticas e documentais, espetáculos em diferentes linguagens, publicações e reedições de obras literárias que buscam refletir criticamente sobre os desdobramentos destes episódios que marcam a história do Brasil.

Para o Diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, “a Semana de Arte Moderna, década após década, permanece como um acontecimento marcante para a história cultural brasileira, principalmente se considerarmos um experimentalismo e uma liberdade criativa que foram sendo cada vez mais afirmados nos procedimentos culturais”. Portanto, “esta efeméride de 100 anos

ESTA EFEMÉRIDE DE 100 ANOS DA SEMANA – E, NA SEQUÊNCIA, DE 200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA – CONSTITUI OPORTUNIDADE ÚNICA PARA REALIZARMOS UMA REFLEXÃO PROFUNDA SOBRE O QUE SOMOS, SOBRE COMO O PASSADO SE RELACIONA COM O PRESENTE E NOSSO PAPEL ENQUANTO AGENTES CULTURAIS QUE CONSTROEM FUTUROS POSSÍVEIS (E UTÓPICOS)

DANILO SANTOS DE MIRANDA,
Diretor do Sesc São Paulo

A pianista Karin Fernandes é uma das convidadas a participar do encontro *A música de Villa-Lobos na Semana de 22: o que se ouviu e o que não se ouviu*, que será realizada neste mês no CPF

da Semana – e, na sequência, de 200 anos da Independência – constitui oportunidade única para realizarmos uma reflexão profunda sobre o que somos, sobre como o passado se relaciona com o presente e nosso papel enquanto agentes culturais que constroem futuros possíveis (e utópicos)”, complementa.

Entre alguns destaques da programação de janeiro, o projeto *Prosas Musicais* retoma suas ações presenciais no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc. No dia 22/01, é a vez do encontro *A música de Villa-Lobos na Semana de 22: o que se ouviu e o que não se ouviu*, com Camila Fresca (palestra), Karin Fernandes (piano), Caroline De Comi (canto) e Henrique Carvalho (violão). Já no período de 19 a 27 de janeiro, será realizado o curso online *Diversos 22: Música e Modernismo no Brasil e em Portugal*, que discutirá aspectos da trajetória artística, intelectual e política de Mário de Andrade e Fernando Lopes-Graça. As aulas serão ministradas por Guilhermina Lopes, pós-doutoranda no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP), e Flavia Camargo Toni, musicóloga, professora titular da USP.

Acompanhe a programação: sescsp.org.br/diversos22.

Fotos: Divulgação



DO SINGLE AO BOLACHÃO

A série de livros *Álbum: a história da música brasileira por seus discos* (2021), lançada no formato digital pelas Edições Sesc São Paulo, é um farol para quem quiser navegar pela história da produção musical brasileira. Escrito pelo jornalista e crítico musical Pedro Alexandre Sanches, o primeiro volume da série, *Álbum 1 - 1950 a 1972: saudade, bossa nova e as revoluções dos anos 1960* joga luz sobre a transição da produção fonográfica do formato single ao *long play* (LP), popularmente conhecido como “bolachão”. Este primeiro volume da série ainda conta com registro das artes de capa dos principais LPs lançados no período, discos de Aracy de Almeida, Pixinguinha, João Gilberto, Tim Maia, entre outros. O autor também disponibiliza uma **playlist** baseada no livro. Saiba mais: www.sescsp.org.br/edicoessesc.

ESTREIAS NO TABLADO

Novas temporadas teatrais entram na programação do Sesc São Paulo neste mês de janeiro. Entre alguns destaques está o espetáculo *Morte e Vida Severina*, do Grupo Magiluth, inspirado pelo poema homônimo de João Cabral de Melo Neto, que fica em cartaz no Sesc Ipiranga de 14/01 a 20/02. Outra estreia é a peça *Sem Palavras* (foto), da Cia Brasileira de Teatro, no teatro do Sesc Pompeia, de 20/01 a 20/02 – desdobramento da pesquisa realizada pelo grupo em seus últimos trabalhos a partir de outras linguagens como a dança, a performance e a música. Confira a programação no portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br.

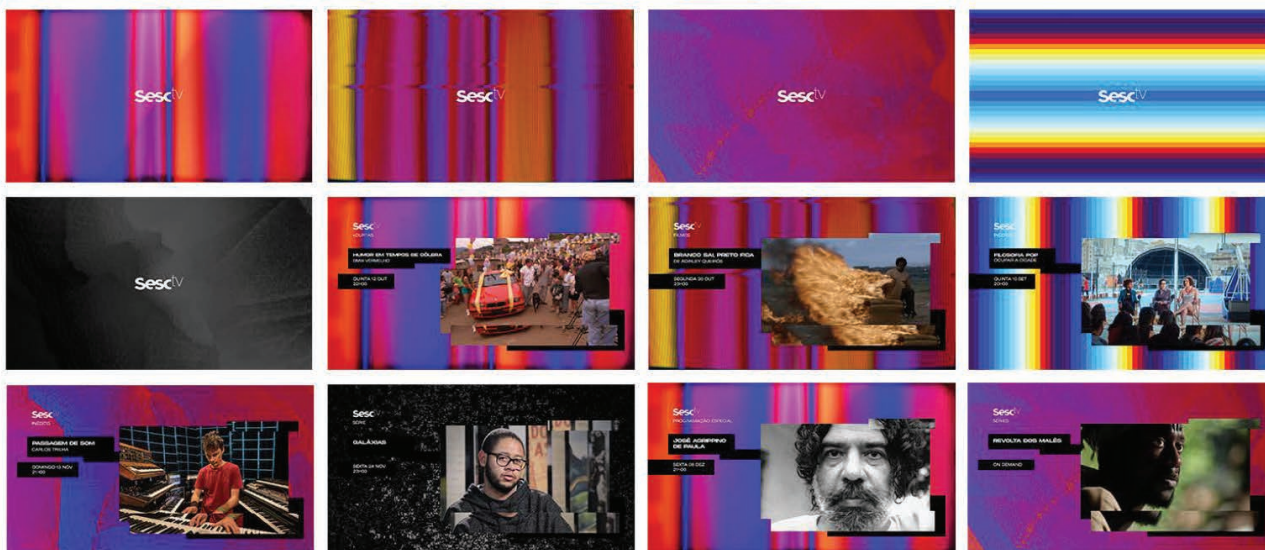


Nana Moraes

Sem Palavras, Cia Brasileira de Teatro

PRÊMIO PARA O SESC TV

Indicado na categoria Motion com o projeto da nova identidade visual, o SescTV recebeu a medalha de bronze no Brasil Design Award 2021, premiação realizada anualmente pela Associação Brasileira de Empresas de Design. Desenvolvida pelo Estúdio Bijari em parceria com as equipes do canal, a nova identidade foi lançada no ano passado e é baseada na diversidade de temas que compõem o acervo da TV. Confira a nova identidade do canal durante toda a programação: Assista em www.sesctv.org.br ou consulte sua operadora. Outras produções do Sesc também foram premiadas nesta edição: medalha de prata na categoria Design Editorial pelo livro *A Pirâmide do Piques*, e bronze pelo livro *A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta*, ambos das Edições Sesc; bronze na categoria Ilustração pelo painel “Um chá maluco”, na exposição *ReAlices*, do Sesc Santo André; e prata em Ilustrações Digitais pelo projeto “Estímulos Emocionais”, de Estudio Guto Requena, para o Sesc Sorocaba.



Divulgação



Ana Carolina Fernandes

Obra *Os veios abertos da Baía de Guanabara* (2015), que integra a exposição *Oceano Alterado*, em cartaz até dia 6 de março, no Sesc Santo André. Os registros fotográficos traçam um panorama da relação humana com os oceanos, em uma narrativa que navega pela arte, educação e sustentabilidade. Sob curadoria de João Kulcsár, a mostra reúne trabalhos individuais e de dois coletivos compostos exclusivamente por mulheres. Saiba mais: sescsp.org.br/santoandre.



Acevo Museu da Pessoa

Carlos Massayuki Hasimoto é um dos comerciantes da cidade de Ribeirão Preto que compartilham sua história no acervo do projeto *Memórias do Comércio*

MEMÓRIAS EM IMAGENS

Desde 1994, o Sesc São Paulo e o Museu da Pessoa desenvolvem juntos o projeto *Memórias do Comércio*, buscando conhecer as dinâmicas do comércio no Estado de São Paulo. Esse trabalho, que reúne fotos, documentos e entrevistas em vídeos, registra e preserva memórias que contribuem para reflexões sobre o desenvolvimento urbano, a transformação de costumes, as levas migratórias e imigratórias e outros câmbios da sociedade. Lançada no final de 2021, uma nova edição do projeto faz, dessa vez, um recorte sobre as cidades de Bauru, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, no oeste paulista. Entre as edições passadas estão: São Paulo – capital (1994, 2012, 2016), Araraquara e São Carlos (2000), Baixada Santista (2002), Vale do Paraíba (2004) e Campinas (2009). Visite: memoriasdocomercio.com.br.



Ousar SER

O DIRETOR E DRAMATURGO ESTREIA O ESPETÁCULO
LÍNGUA BRASILEIRA, UM PASSEIO POÉTICO PELO NOSSO IDIOMA,
CRIADO EM PARCERIA COM O COLETIVO ULTRALÍRICOS
A PARTIR DA MÚSICA DE TOM ZÉ

Ao questionar padrões e abraçar questionamentos provocados pela arte, Felipe Hirsch se vale da máxima “ser é ousar ser”, escrita pelo alemão Hermann Hesse (1877-1962), prêmio Nobel de Literatura. Neste mês, o diretor de teatro e de cinema, dramaturgo e produtor estreia o espetáculo *Língua Brasileira*, no Teatro Anchieta, do Sesc Consolação. Concebida a partir da canção homônima de Tom Zé, do álbum *Imprensa Cantada* (2003), e criada em parceria com o Coletivo Ultralíricos, a peça traz uma dramaturgia tecida pelas raízes do idioma brasileiro: desde remotas origens ibéricas, passando pelos romanos, bárbaros e árabes, pela África e América nativa. “É uma dramaturgia poética no sentido que usamos textos, poemas e preces em todas as línguas que passaram por esse caminho, que formaram esse caminho. Então, a gente começa com cosmogonias porque é sempre bom lembrar que essas línguas já habitavam os continentes africano e europeu, mas sobretudo das línguas nativas, porque está na hora de a gente entender que não fomos descobertos há 500 anos”, explica Felipe. Além dessa parceria entre o diretor e o músico tropicalista, outros dois projetos chegarão ao público neste ano. O primeiro é um disco de composições inéditas de Tom Zé, do qual Felipe participou como diretor artístico, e o segundo é um documentário sobre as origens da língua brasileira (fruto das pesquisas para o espetáculo), com o apoio do Museu da Língua Portuguesa, do Sesc São Paulo e da TV Cultura. Nesta *Entrevista*, Felipe Hirsch fala sobre esses trabalhos, sobre seu processo criativo baseado na literatura e na música, e compartilha reflexões sobre teatro online e a cultura na era do *streaming*.

A peça *Língua Brasileira* deveria ter estreado em 2020, mas foi adiada por causa da pandemia. Como foi esse processo?

Na verdade, ela vai estrear quase dois anos depois, já que a estreia seria em fevereiro de 2020. Esse processo começou porque o Tom tinha assistido a alguns espetáculos meus e gostado muito. Obviamente, considero o Tom Zé uma das maiores referências da minha vida e da vida cultural do país. Sou absolutamente fã e o fato de que ele tenha assistido às minhas peças era um motivo para me aproximar dele e mostrar o que eu estava fazendo. Mais recentemente, uma companhia que dirigi no Chile veio fazer *Democracia* na Mostra Internacional de Teatro e o Tom não pode ir porque estava no sul do país em turnê, mas ele foi muito carinhoso, mandou discos para todos os atores, com dedicatórias, e disse a ele que podíamos nos encontrar depois. Até que, por fim, nos reunimos. A princípio, a gente ia fazer um trabalho sobre *Estudando a Bossa* (2008), um disco muito bonito. Mas, no início desse processo, descobri a música *Língua Brasileira*, que está no álbum *Imprensa Cantada* e que não faz parte de maneira evidente do repertório-conceito do disco. Porque todos os discos do Tom são muito conceituais, ele parte de um assunto e o desenvolve. É uma música, digamos assim, “solo” do Tom e, claro, ele teve motivos para colocá-la naquele disco. Bem, aquilo me impressionou muito porque além de ser uma das músicas mais bonitas que eu já ouvi do Tom Zé – e ele considera os versos mais bonitos que já escreveu –, de alguma forma era um passo na direção do que a gente vinha fazendo com os Ultralíricos.

Como se deu essa parceria?

Esse coletivo de artistas criou a série *Puzzle*, de 2013 a 2015, que são textos sobre textos literários brasileiros; depois fez *A Tragédia e Comédia Latino-Americana* sobre textos de toda ordem latino-americanos; e, em seguida, principalmente, fez *Selvageria*, um espetáculo baseado em documentos históricos brasileiros da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e dos verbetes da Bibliografia Brasileira, pesquisada por Rubens Borba de Moraes. Sobre este último,

*BABEL DAS LÍNGUAS EM PLENO CIO,
SEDUZ A ÁFRICA, CEDE AO GENTIO,
SUBSTANTIVOS, VERBOS, ALFAIAS DE OURO,
OS SEUS OLHARES CONQUISTAM DO MOURO.*

*MARES-ALGARISMOS,
ONDE UM SEU PILOTO
ROUBA DO IGNOTO
ALMAS E ABISMOS.*

(“LÍNGUA BRASILEIRA”, DE TOM ZÉ)

nós traduzimos muitos documentos para o português e é um espetáculo que lamento ter sido um pouco ceifado pela pandemia, porque a gente cancelou cinco temporadas dele. Já o *Língua Brasileira* foi quase um passo natural, uma descoberta de uma quarta parte, uma tetralogia não prevista, mas que foi acontecendo e se tornou essa nova parte do Coletivo Ultralíricos.

Você sentiu algum tipo de cobrança ou responsabilidade ao criar um espetáculo que fala sobre a complexa teia que forma a língua portuguesa no Brasil?

Quando me dei conta de onde eu tinha me metido, ou seja, falar sobre o desenvolvimento da língua brasileira, da língua portuguesa-brasileira, eu passei a não dormir, o que já era difícil para mim. Pensei: “Não vou conseguir fazer isso só com as pernas, mãos, cabeças de todos os artistas que ali estão envolvidos. Ainda assim, preciso de muitos auxílios”. E a primeira pessoa que me ocorreu foi Caetano Galindo [*escritor, tradutor e professor, Galindo é doutor em linguística pela Universidade de São Paulo*], porque, além de ser um dos grandes tradutores e filólogos no Brasil, ele tem uma proximidade muito grande com a minha juventude. Sou carioca, mas me mudei para Curitiba e lá eu andava com os mais velhos, uma turma leminskiana de poetas e outras pessoas que estavam ali em torno de Paulo Leminski [*poeta e escritor curitibano; 1944 a 1989*]. E tinha uma turma mais jovem com a qual a gente fazia “bullying” porque estudava grego e a gente achava o fim da picada falar grego aos 18 anos de idade. Essa era a turma do Caetano Galindo.

Mas, brincadeiras à parte, sempre admirei muito o Caetano e pensei que ele poderia ser um grande conselheiro, digamos assim, nessa história. Prontamente ele entrou na jogada, trazendo um material rico, um tesouro, porém deixou muito claro que a ordem da pesquisa dele se dá muito mais nas línguas europeias e nos indicou a professora Yeda [Pessoa de Castro], autora do livro *Falares Africanos na Bahia – Um Vocabulário Afro-Brasileiro* (Topbooks, 2001), para ser nossa grande conselheira em relação ao tronco de línguas africanas, como o banto, iorubá e jeje, além da relação com as línguas nativas, para as quais tivemos vários tradutores e conselheiros, especialmente Eduardo Navarro. Tem uma lista técnica muito grande de consultores, muita gente com amor pelo tema.

Você parte da canção de Tom Zé como inspiração para começar uma investigação sobre os troncos da formação da língua brasileira?

Exato. Além da música, porque Tom Zé fala sobre toda essa formação da língua brasileira, esse trabalho acabou se dividindo em três partes. A primeira seria a peça para a qual, antes da pandemia, o Tom faria três músicas inéditas e nós também trabalharíamos com algumas músicas do repertório dele que, de alguma maneira, já se relacionavam com o tema. Só que começou a pandemia e a peça foi interrompida dez dias antes da estreia. O Tom deu algumas entrevistas nas quais ele até fala que nem notou o que acontecia porque estava enclausurado trabalhando e que acabou fazendo 11 músicas sobre o tema da peça. Ou seja, um disco inteiro inédito. Aí, um belo dia, ele me disse que queria fazer o disco *Língua Brasileira* e falei: “Tom, para mim é um orgulho imenso que você decida isso. Eu não sei o que vai acontecer com a peça, e o disco é um material que não pode ficar parado”. Isso abriu um novo caminho para a *Língua Brasileira*. Além da peça, que agora está voltando, acontece também agora, naturalmente,

o lançamento de um disco do Tom Zé e ele me chamou para ser o diretor artístico com ele. Tenho o maior orgulho disso. Então, durante a temporada do espetáculo, vai sair esse disco. Outra coisa também aconteceu: a pesquisa foi tão interessante, nos envolvemos com pessoas tão importantes que pensam a formação da língua brasileira, que a gente acabou ganhando o apoio institucional do Museu da Língua Portuguesa, do Sesc São Paulo, da TV Cultura e da RTP. Então, a gente começou a fazer um documentário sobre essa pesquisa e devemos lançá-lo no segundo semestre. Conversamos com essas pessoas que nos apoiaram, que nos deram consultorias sobre a língua brasileira. Porque a peça, ela não explica, ela não é acadêmica e diz: “A língua veio daqui e depois foi pra lá”. A peça em si é um passeio poético.

E como você descreveria a dramaturgia desse espetáculo?

É uma dramaturgia poética no sentido que usamos textos, poemas e preces em todas as línguas que passaram por esse caminho, que formaram esse caminho. A gente começa com cosmogonias, porque é sempre bom lembrar que essas línguas já habitavam os continentes africano e europeu, mas sobretudo das línguas nativas, porque está na hora de a gente entender que não fomos descobertos há 500 anos. Aí a gente passa a usar exemplos e textos de toda ordem da cultura dessas línguas que formaram o que Olavo Bilac chama de “esplendor e sepultura” – uma definição maravilhosa do Brasil: a sepultura é formada por esses dois holocaustos, um do povo nativo e o outro do povo escravizado. Hoje temos mais de 100 línguas em processo de extinção no Brasil, segundo a Unesco. Então, a gente usa o apiacá como exemplo, uma língua que tem apenas dois ou quatro falantes no país ainda. O Brasil é essa grande sepultura que ainda nos marca, embora a gente não consiga perceber e entender o quanto. Ao mesmo tempo, é inegável o esplendor da mistura. É inegável o esplendor da nossa língua, e do povo brasileiro, a partir dessa mistura, ainda que a base dela seja trágica. A gente usa vários exemplos dessas línguas formadoras.

Como essa experiência da língua é passada para a plateia?

Uma grande diferença é que a gente traduz alguns desses exemplos, desses trechos cujo conteúdo nos interessa passar para quem assiste, para a plateia. Outras partes são mais de ordem sensorial porque nos interessa mostrar que a língua começa com uma sensação oral, algo remotamente distante do português e que vem se aproximando do que falamos hoje quando ela encontra o latim. É como se a peça navegasse por todos esses idiomas, tanto de ordem auditiva quanto de maneira sensorial: você começa a perceber a aproximação com o português até o português-brasileiro porque, a partir do Brasil, chamamos de português-brasileiro, já que no século 20 você começa a ter uma sofisticação que vai desaguar nisso.

Na sua pesquisa, você também investiga a uniformização da língua provocada pela televisão?

O que acontece é que não só a televisão, mas também o desenvolvimento tecnológico nos aproximaram muito do anglicanismo. Na peça, a gente chega aí. Também falamos da influência latino-americana, que é mais recente. As segundas migrações do século 20, provocadas pela Primeira e Segunda guerras mundiais, de imigrantes italianos e japoneses, entre outros, tudo isso trouxe também características à língua brasileira, embora já tenha ouvido falar de nossos linguistas consultores que essas não são influências de ordem formativa. Já nesse final do século 20 e início do século 21, a tecnologia perpassa tudo e seu linguajar é o inglês. Não só o inglês como também a língua tecnológica. Então, hoje a gente fala em *blockchains*, em *token*, em *job*, fora

expressões diárias, como *stand up*. Com certeza fomos atravessados por esses elementos e isso se deve à influência enorme da cultura americana nas nossas televisões e em toda linguagem tecnológica. Agora, tem outra coisa: o que a televisão fez – e imagino que você tenha perguntado por isso –, ela de alguma maneira passou a levar a cultura, principalmente da Região Sudeste para todo o Brasil, o jeito de falar etc. Hoje tenho uma dúvida em relação a essa influência: a televisão está ficando para trás, ela é usada numa condição muito diferente da condição do século 20. Acho que a maior influência atualmente é da cultura americana, que está cada vez mais forte, algo que se percebe pelos *streamings*, que estão ganhando uma força gigantesca. Mesmo a televisão, que monopolizava nossa cultura diária, está perdendo força em relação a essas corporações.

Na pandemia, foi notável o alcance das plataformas de *streaming* e como boa parte do mundo estava assistindo aos mesmos conteúdos. Você acha que esse comportamento gera um empobrecimento do conhecimento?

Concordo. Sou talvez muito desagradável quando falo sobre esse assunto porque, quando crítico, sou muito rígido em relação ao domínio da linguagem dos *streamings*. Falo sobre isso, e as pessoas respondem: “De fato, acho que você tem razão”. E, logo em seguida: “Mas você viu essa série?”. Então, parece que ando com vários “zumbis” consumidores de séries de segunda e terceira linha.

LÍNGUA BRASILEIRA

A partir da música *Língua Brasileira*, de Tom Zé, nasceu a colaboração entre o compositor, Felipe Hirsch e o Coletivo Ultralíricos. Desse trabalho em conjunto surge uma epopeia dos povos que formaram a língua que falamos: seus mitos e suas cosmogonias, passando pelas remotas origens ibéricas, por romanos, bárbaros e árabes, pela África e América nativa. Um passeio pelo inconsciente do português brasileiro, suas graças e tragédias, seu “esplendor e sepultura”, o espetáculo também marca a retomada das temporadas teatrais no Sesc São Paulo. (De 6 de janeiro a 20 de fevereiro, quintas, sextas e sábados, às 21h; domingos, às 18h, no Sesc Consolação. Classificação indicativa: 14 anos)

CONSIDERO O TOM ZÉ UMA DAS
MAIORES REFERÊNCIAS DA MINHA
VIDA E DA VIDA CULTURAL DO PAÍS.
SOU ABSOLUTAMENTE FÃ

Meu ponto é que as pessoas que comandam esses *streamings* no Brasil não podem ser simplesmente escolhidas pelas suas capacidades acadêmicas expostas no LinkedIn. Elas têm que entender muito bem a nossa cultura e porque é importante fazer séries ou filmes com características da nossa cultura. Poxa, a gente construiu uma história com o Cinema Novo, o Cinema Marginal para na retomada passar a responder com padrões de produção norte-americana? Eu não vejo por quê. Então, é possível fazer, inclusive séries de entretenimento, não estou falando de séries intelectualizadas. A gente pode fazer uma série incrível de entretenimento que tenha a cara do nosso país, que não pareça uma tradução malfeita de algo que produções de fora fazem melhor. Não fui picado por esse vício, sou dinossauro mesmo. Eu não maratono nada. Isso não quer dizer que não existam bons trabalhos. Obviamente, eles existem, mas gostaria que os artistas brasileiros, tão talentosos, estivessem produzindo as séries que de fato façam sentido no Brasil. E acho que, aos poucos, eles estão entendendo isso.

Como foi fazer teatro para ser exibido pela internet, por meio de plataformas de streaming?

Fiquei muito comovido com a vocação dos artistas, não exatamente com as obras. Eu assistia às obras e pensava criticamente como aquilo não havia sido pensando para o *streaming*. Nós não tivemos tempo para elaborar, embora essa linguagem já estivesse em transição havia muito tempo, embora essas fronteiras estivessem caindo, nós não tivemos tempo para pensar aquilo que a gente viu durante a pandemia para o vídeo. É importante que a gente entenda e reconheça que a presença no teatro é essencial porque você lida sensorialmente com todos os sentidos.



Alexandre Nunez

Ali no vídeo não. Ali estamos falando de audiovisual e a gente tem que entender o que a gente pode sublinhar nessa linguagem, inclusive para ser mais interessante no caráter audiovisual do que no teatro, embora o resultado se transforme em outra coisa. Mas não, a gente improvisou. E o que me comoveu nesse processo foi a vocação que os artistas têm, a relação deles com a obra no teatro, de manter essa chama acesa. Porque o teatro nunca vai acabar. O teatro passou por todas as guerras, por todas as pestes. O teatro passou por tudo. Quem não passa somos nós. Nós vamos ficando pelo caminho. Então, dois anos de pandemia para o teatro não é nada diante de tudo por que o teatro passou. Para nós, esse período significa uma parte considerável da nossa vida. Acho que quem estava ali (*nas plataformas de streaming*) em xeque eram os artistas e não o teatro.

Voltando ao espetáculo *Língua Brasileira*, qual a relação que você estabelece entre este e outros de seus trabalhos, como *Selvageria*, *A Tragédia e Comédia Latino-Americana*? O que interliga esses espetáculos?

Por 20 anos, tive a Sutil Companhia e nosso maior interesse era trazer os jovens para dentro do teatro. A gente fez espetáculos muito importantes e, principalmente, trouxe muita gente para o teatro, para se interessar pelo teatro. Então, nosso público era de

toda ordem e formado por muitos jovens. Tenho muito orgulho disso. Só que depois de 20 anos, eu estava exausto de ir para uma sala de ensaio e do método um pouco tradicional de repetição. Eu estava exausto disso, e era muito centralizador. O Coletivo Ultralíricos começou a partir de um convite para participar da Feira de Livro de Frankfurt em 2013, porque eu tinha um projeto sobre literatura brasileira e um curador do Sesc, o Antonio Martinelli me convidou para estar com um time maravilhoso de artistas naquele ano em que Brasil era o convidado de honra da feira. Foi lá que nós fizemos a primeira peça da tetralogia, *Puzzle*, sobre literatura brasileira. Isso aconteceu um pouco de surpresa, mas me revelou coisas. Primeiro que eu poderia voltar a ter prazer numa sala de ensaio, porque de fato o processo se coletivizou. A gente começou a lidar com mais de 100 artistas de toda ordem: atores, designers gráficos, pintores... Muita gente veio do processo da Sutil Companhia, como Daniela Thomas, Guilherme Weber, Verônica Julian, pessoas que já trabalharam comigo. Nós nos juntamos e o processo passou a ser de mesa, de pesquisa, de experimentação. Aliás, quando me peguei experimentando já foi tarde na minha vida, mas isso me trouxe um prazer imenso. Vou a um ensaio hoje com muito prazer.

É ESSE PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO PÚBLICO QUE LEVA À CRIAÇÃO DE NICHOS

Como você desenvolve temas que não são aparentemente dramaturgicos e os coloca no palco? Como é esse processo de deglutição?

Acho que tudo pode resultar nesse processo, mas não é fácil. Você tem que mergulhar na ideia e, a partir daí, você vai buscar a linguagem dela, o que vai aproximá-lo de uma forma. É raro que eu comece pela forma, embora isso possa acontecer. Às vezes, começo pela música. E a música tem essa propriedade e capacidade de chegar até você com uma mediação intelectual menor – mesmo o dodecafonismo de Arnold Schoenberg.

A música bate no seu emocional muito mais rápido que no intelectual. Então, às vezes, esse processo começa com uma música.

Sinto que dirijo e crio muito a partir dessa linguagem.

Mas é quase sempre um desenvolvimento a partir da ideia para então, buscar a linguagem e a forma.



ÚLTIMO TROPICALISTA

Tom Zé sempre foi um artista à frente de seu tempo. Radicado em São Paulo desde os anos 1960 – quando acompanhou Caetano Veloso e fez parte do espetáculo *Arena Canta Bahia* (1965), de Augusto Boal –, Tom estava presente na gênese do movimento tropicalista e teve um início de carreira bem-sucedido com o LP *Grande Liquidação* (1968). Por vezes, entretanto, ele dependeu primeiramente de um olhar estrangeiro para a compreensão e apreciação de sua obra no Brasil. Durante os anos 1970, caiu no ostracismo conforme seus álbuns se tornavam cada vez mais ambiciosos. Foi em meados dos anos 1980 que se deu a primeira intervenção estrangeira em sua trajetória. David Byrne, ex-líder da banda Talking Heads, descobriu, por acaso, o álbum *Estudando o Samba* em uma de suas vindas ao Brasil e, durante os anos 1990 e 2000, se tornou uma peça fundamental na construção da carreira internacional do artista brasileiro. *Tom Zé, o Último Tropicalista* (Edições Sesc São Paulo) conta esta e outras histórias sobre o artista nascido em Irará, na Bahia. Fruto de outro olhar vindo de fora sobre sua obra, a biografia escrita pelo jornalista e pesquisador italiano Pietro Scaramuzzo, traz memórias e histórias a partir de uma cronologia, discografia e fotos. A publicação ainda conta com um texto introdutório do próprio Tom Zé e um prefácio escrito por David Byrne.

Saiba mais: www.sescsp.org.br/edicoessesc.

E às vezes a ideia não chegou estruturada com uma dramaturgia convencional. Às vezes, você tem que preparar o terreno para isso. Tenho como influências grandes dramaturgos como Shakespeare, Beckett... Percebo que alguns materiais não têm evidentemente uma forma dramática e eles podem se transformar no palco em algo, podem se revelar. Não é fácil. O próprio *Língua Brasileira* me parece um concerto sensorial, da ordem da audição: ele entra mais pela musicalidade do que por uma história dramática. Esse é nosso trabalho: construir essa dramaturgia e, para isso, a gente fica meses discutindo, conversando, pesquisando.

Como se dá esse olhar e esse trabalho que parece esculpir as interpretações dos atores?

Tenho alguns caminhos. Trabalho com um grupo de atores que já têm uma história e com atores que me desafiam a conhecê-los. A teoria teatral tem muitos clichês e um deles é: “Tal pessoa dirige ator e tal pessoa não dirige ator”. Isso é um facilitador muito equivocado quanto ao trabalho de direção porque, primeiro, para mim, lidar com atores é lidar com seres humanos que estão sujeitos a todas as intempéries do momento, sejam elas emocionais ou culturais. Qual o interesse daquele ator naquele momento em que ele está fazendo a peça? Como está o emocional dele? Como ele está pensando e vendo o mundo? Qual o interesse dele naquele trabalho? É uma quantidade tão grande de variantes que fazem o momento do ator que é impossível imaginar que você tenha apenas uma técnica para dirigir atores. Existem processos fracassados de direção de ator porque naquele momento você não consegue lidar com o que ele precisa e existem momentos em que você tem que se aproximar tanto que é um trabalho de 24 horas, para além dos ensaios. É sobre convidar aquela pessoa para dentro, para somar-se à ideia principal do trabalho. Dirigir atores é complexo.

TENTO MOSTRAR O QUE
VEJO, PENSO E COMO EU
SINTO O MUNDO

Dentre todas essas características particulares do seu trabalho, o que você acha que atrai tanto o público?

Eu me recuso a acreditar em fatores facilitadores que, por exemplo, você vê nos *streamings* e na televisão brasileira desde sempre. Continuo lutando contra isso, contra essas ideias do que pode arrastar o público para dentro, do que pode ser popular. Quando comecei a fazer espetáculos de quatro, cinco horas de duração, foi justamente quando se falava que um espetáculo “tinha que ter uma hora”. E assisti a espetáculos de uma hora que eram insuportáveis, pareciam ter oito horas. Também vi espetáculos de quatro ou cinco horas que passaram rápido. A questão é o que você vai apresentar para as pessoas. “Ah, mas isso aqui é muito difícil para esse público. Isso aqui é nichado.” A gente ouve essas besteiras e às vezes a classe artística aceita esse tipo de situação. Ao aceitar isso, você começa a colocar parâmetros inexistentes e equivocados. Acredito que se eu fizer um espetáculo sobre temas que pareçam ser áridos, a gente pode ter mil pessoas assistindo com muito interesse, e todo tipo de gente, de todas as classes sociais. É esse preconceito em relação ao público que leva à criação de nichos e, conseqüentemente, vai se falar: “Viu como a atenção do público é decadente?” Agora nos *streamings* há a história de que nos cinco primeiros minutos você tem que prender a atenção do público, senão ele desiste [*da série ou filme*]. Só que sempre vem um exemplo de fora que contradiz essa regra. Isso também acontece muito na cultura norte-americana. Para cada um que transgredir [*esses parâmetros*], você tem 100 mil pessoas fazendo simulacros, e é óbvio que o transgressor é o mais pop. As coisas estouram de baixo para cima. O interesse que a gente tem na pessoa é o fato de ela ser única. Só você tem a sua educação sensorial. É isso que você tem que mostrar e não tentar ser outra pessoa. Tento mostrar o que vejo, penso e como eu sinto o mundo. ■

Leia a seção *Encontros* com Tom Zé, publicada na *Revista E* nº 294, de abril de 2021, e assista aos vídeos dessa conversa com o músico no canal do YouTube do Sesc São Paulo: <https://www.youtube.com/watch?v=-vRUEXRIZs&t=6s>.

ROTINA EM MOVIMENTO

ALÉM DE PROMOVER BENEFÍCIOS À SAÚDE E BEM-ESTAR, ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS FORTALECEM VÍNCULOS SOCIAIS E ORIENTAM NOVOS HÁBITOS

Essencial para o desenvolvimento humano e praticada em todas as fases da vida, a atividade física durante o período de restrições sociais da pandemia e neste momento de reabertura de espaços públicos teve um papel fundamental. É que além de proporcionar inúmeros benefícios à saúde mental e física e de promover bem-estar, essas atividades possibilitaram reencontros em parques, praças e outros locais abertos da cidade. Seja qual for a modalidade escolhida — corrida, futebol, basquete, skate ou até mesmo vôlei de praia, que está se popularizando na capital paulista em quadras urbanas —, todas fortalecem vínculos sociais e viabilizam uma reconexão com a cidade.





A população de São Paulo ocupa cada vez as áreas públicas da cidade, transformando-as em locais para atividades físicas e encontros

Na capital paulista é cada vez maior o número de pessoas que ocupam parques, praças, ciclovias e outros espaços públicos para praticar atividades físicas. Principalmente nos fins de semana, é crescente o número de frequentadores destes espaços (*leia Almanaque publicado na Revista E nº 302, de dezembro de 2021*). Recentemente, essa demanda resultou na abertura do Parque Augusta que, após um longo período de reivindicações, foi inaugurado em novembro passado, no Centro da cidade.

Para o doutor e mestre em Estudos do Lazer Marcos Gonçalves Maciel, pesquisador e professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), estes espaços ao ar livre têm um papel vital na promoção da saúde, mas ainda são poucos. “É importante lembrar que o lazer é um direito garantido pela Constituição. É dever do Estado promover o lazer e é direito do cidadão e da cidadã ter acesso ao lazer e que ele seja de qualidade.

Então, é preciso pensar numa redemocratização e reorientação das políticas públicas para que esses equipamentos possam atender todas as camadas da população. No entanto, é muito comum a gente ver parques, praças, pistas de caminhada e ciclovias em bairros ricos, e em bairros mais pobres, outra realidade”, aponta.

Segundo o especialista, a dimensão social da saúde, que ainda compreende as esferas física e mental, precisa ser valorizada. “Não ter o contato com o outro gera uma repercussão na saúde mental porque nós somos seres sociais. Por isso, o quadro de restrições sociais vivenciado vem trazendo diversos prejuízos. A gente sabe que os índices de ansiedade e de depressão, que já eram altos antes da pandemia, se agravaram e que, infelizmente, o estresse pós-traumático vai persistir por alguns anos”, alerta.

NOVOS HÁBITOS

Ajuste seu relógio: é hora de se mexer!

De acordo com o *Guia de Atividade Física para a População Brasileira*, o comportamento sedentário envolve atividades realizadas quando se está sentado, reclinado ou deitado e gastando pouca energia. Posturas que normalmente são adotadas enquanto utilizamos o celular, o computador, o tablet e o videogame ou enquanto trabalhamos, assistimos à televisão ou à videoaula. Para evitar esse comportamento, o Guia traz algumas recomendações. Uma delas é que a cada uma hora, a gente se movimente por pelo menos 5 minutos.

Que tal aproveitar esse tempo para:

1. Mudar de posição e ficar em pé
2. Alongar o corpo
3. Beber água
4. Ir ao banheiro
5. Realizar alguma tarefa doméstica



Adriana Vichi

Designed by Freepik





Adriana Vichi

Fruto da demanda de moradores do Centro de São Paulo, o Parque Minhocão é uma dos parques urbanos mais frequentados da capital

Efeitos presentes

Preocupados com esse cenário, pesquisadores brasileiros e de outros países concentram-se em estudos sobre os efeitos da pandemia sobre a saúde da população. Noites mal dormidas, insônias, alterações no metabolismo, oscilações de humor, encurtamento de tendões, agravamento de tensões musculares, aumento de peso e vista cansada são alguns dos relatos compartilhados em menor ou maior grau por idosos, homens, mulheres e crianças. Resultado de longas horas em frente às telas, pouca e restrita atividade física, entre outros fatores. Há, inclusive, investigações que já apontam um envelhecimento precoce da sociedade nestes últimos dois anos.

Supervisor de Esportes do Sesc Interlagos, Gabriel Damasco conta que, entre as queixas de alunos e frequentadores da unidade, estão os prejuízos à saúde relacionados à falta de socialização. “Um relato importante dos frequentadores foi da importância em rever pessoas novamente, de fazer parte de um grupo nas aulas”, destaca. Outras queixas, segundo Damasco, estavam relacionadas, principalmente, à saúde

mental. “Nesse retorno das atividades e reabertura das unidades do Sesc São Paulo, tivemos um número grande de queixas como ansiedade, insônia e depressão. Por isso, esse processo de retomada tem sido um processo de escuta e empatia”, complementa.

Mesmo quem praticou alguma atividade física em casa sofreu com as restrições do espaço doméstico e com a falta de um acompanhamento profissional. A redução do movimento corporal provocou, de acordo com o professor Marcos Gonçalves Maciel, aumento de massa corporal adiposa, dores nas costas e dores musculares, por exemplo. “E quem teve condições de fazer ginástica em casa, seja por meio de um aplicativo ou por outras ferramentas nas plataformas digitais, muitas vezes não têm consciência corporal nem têm experiência em atividade física ou não teve uma orientação adequada. Essas plataformas são importantes e facilitaram o acesso para alguns, mas a orientação profissional é fundamental no sentido de corrigir, prescrever e orientar”, acrescenta o especialista.

Pequenas pausas

Lançado no segundo semestre de 2021, o *Guia de Atividade Física para a População Brasileira*, realizado pelo Ministério da Saúde, reuniu um grupo de professores e pesquisadores de diferentes regiões do país para elaboração de orientações em consonância com o guia internacional de atividade física lançado pela Organização Mundial da Saúde em 2020. E o slogan de ambos os guias é o mesmo: “Todo movimento conta”.

“Ou seja, quebrar o comportamento sedentário que, anteriormente era entendido como não fazer atividade física e que, recentemente, é entendido como tempo em tela. Com isso, pessoas fisicamente ativas podem ter um comportamento sedentário se não fizerem pequenas pausas, ao longo dia, enquanto trabalham, estudam ou realizam outras atividades em frente ao computador, celular, televisão etc.”, explica o professor Marcos Gonçalves Maciel, que participou da comissão técnica do Guia.

Diante desse cenário, ficou ainda mais evidente a importância de movimentar-se como um autocuidado primordial e um hábito incorporado ao dia a dia em casa, no trabalho, no parque, numa praça ou nos arredores de onde moramos. “Esses pequenos movimentos de quebra do comportamento sedentário já auxiliam você, mentalmente, a sair daquela rotina, daquela tensão, assim como desperta o próprio corpo também”, reforça Maciel.

A cidade de São Paulo conta com mais de 100 parques públicos: ilhas verdes para socialização, caminhadas e outras atividades



Sesc VERÃO 2022

PROGRAMAÇÃO PRESENCIAL E VIRTUAL PROMOVE A IMPORTÂNCIA DO LAZER EM AÇÕES FÍSICO-ESPORTIVAS NO COTIDIANO DAS PESSOAS

De 4 de janeiro a 13 de fevereiro, o Sesc São Paulo realiza a 27ª edição do Sesc Verão, que neste ano traz como mensagem central: *Lazer levado a sério*. Neste ano, a campanha marca a abertura das unidades do Sesc São Paulo para reencontro com o público, com todas as medidas de segurança e cuidados necessários, para o exercício do lazer em atividades físico-esportivas. Uma programação ampla, diversa e plural que busca a manutenção e o cuidado com a saúde mental, física e social.

Para o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, “a edição deste ano do Sesc Verão promove o reencontro do público com o Sesc e o lazer, com todo o cuidado que o momento ainda pede”. E complementa: “Assim, levar a sério as práticas de lazer significa ter a certeza de sua importância para a qualidade de vida e para o desenvolvimento dos cidadãos”.

Esta 27ª edição do Sesc Verão também incentiva um público de todas as idades a encontrar um espaço diário para a experimentação de atividades que sejam divertidas e saudáveis, além de promoverem socialização e trocas. Entre diferentes atividades, como cursos, oficinas e conversas, será possível conhecer novas ideias e novas práticas que possam fazer parte do seu cotidiano. A programação será realizada de maneira híbrida, ou seja, tanto no ambiente virtual quanto presencial, nas unidades do Sesc São Paulo, seguindo protocolos e regras municipais de combate à Covid-19. Saiba mais: www.sescsp.org.br/sescverao.

Confira alguns destaques da programação:

AVENIDA PAULISTA

Pedalada Noturna

Nesta pedalada acompanhada por educadores de atividades físicas do Sesc, o percurso de média intensidade (cerca de 20km) tem como saída e retorno o Sesc Avenida Paulista, passando pelos principais pontos gastronômicos da cidade de São Paulo. (Dia 8/1, sábado, das 19h às 20h30. É necessário trazer bicicleta e capacete. Em caso de chuva, o passeio será cancelado)

CAMPO LIMPO

Bate-Papo - A Pluralidade do Lazer Levado à Sério no Futebol

Esporte, jornalismo esportivo e paradesporto são temas deste bate-papo com o ex-jogador e comentarista Caio Ribeiro, a apresentadora Karine Alves e o campeão paralímpico de futebol de 5, Gledson da Paixão (Guegueu). (Dia 16/1, domingo, das 16h30 às 18h30).



Daniel Zappe / CFB / MPX

SANTOS

Vivência - Canoa Havaiana na praia

Este tipo de prática físico-esportiva já foi considerado, exclusivamente, um meio de locomoção há três mil anos. Originária da Polinésia, subregião da Oceania, composta por mais de mil ilhas espalhadas pelo Oceano Pacífico, entre elas, o Havai, a canoa havaiana vem ganhando cada vez mais popularidade no Brasil. O formato da canoa havaiana inclui uma peça conhecida como flutuador, ligada por meio de hastes ao casco principal onde ficam os praticantes que, neste tipo de embarcação, podem trocar de lado durante as remadas. (De 8/1 a 12/2, sábados, das 8h às 10h)

ITAQUERA

Breaking na Quebrada - São Mateus em Movimento

Dança de rua criada nos anos 1970, no Bronx, bairro da cidade de Nova York, essa linguagem da cultura Hip hop chegou ao Brasil na década de 1980 e fará parte dos Jogos de Paris em 2024. A iniciativa do Comitê Olímpico Internacional (COI) é de trazer mais jovens para a competição, jogando luz sobre diferentes estilos, uma vez que cada país tem um estilo próprio de breaking. A fim de convidar mais pessoas para conhecerem e experimentarem essa prática, a Federação Paulista de Breaking realiza essa atividade trazendo atletas-dançarinos do grupo São Mateus em Movimento. (Dia 22/1, sábado, das 12h às 16h)

SANTANA

Enduro a pé - Transporte ativo e Tecnologia

Nesta caminhada pelo entorno da unidade, serão abordados aspectos históricos da região, relacionando a oferta de equipamentos esportivos do entorno à adesão de hábitos mais saudáveis. Estas relações serão amparadas pelas orientações de um guia que utilizará a tecnologia de geolocalização para enriquecer a atividade. (Dia 23/1, domingo, das 10h30 às 12h30)

PRESIDENTE PRUDENTE

Festival Vôlei de Areia, com a participação da atleta olímpica Ana Patrícia

Bicampeã Mundial Sub-21 em 2016 (Suíça) e 2017 (China), campeã dos Jogos Sul-Americanos de Praia 2019 (Argentina), quinto lugar nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, dentre outras conquistas, Ana Patrícia participará desta atividade aberta ao público. Além do festival de vôlei de areia, haverá um bate-papo com a atleta olímpica sobre a prática e os desafios essa modalidade esportiva. (Dia 22/1, sábado, das 9h10 às 13h, e das 14h às 17h30; Dia 23/1, domingo, das 9h10 às 17h30)



Divulgação



O músico e compositor
Francisco Mignone em 1972

Ode ao maestro



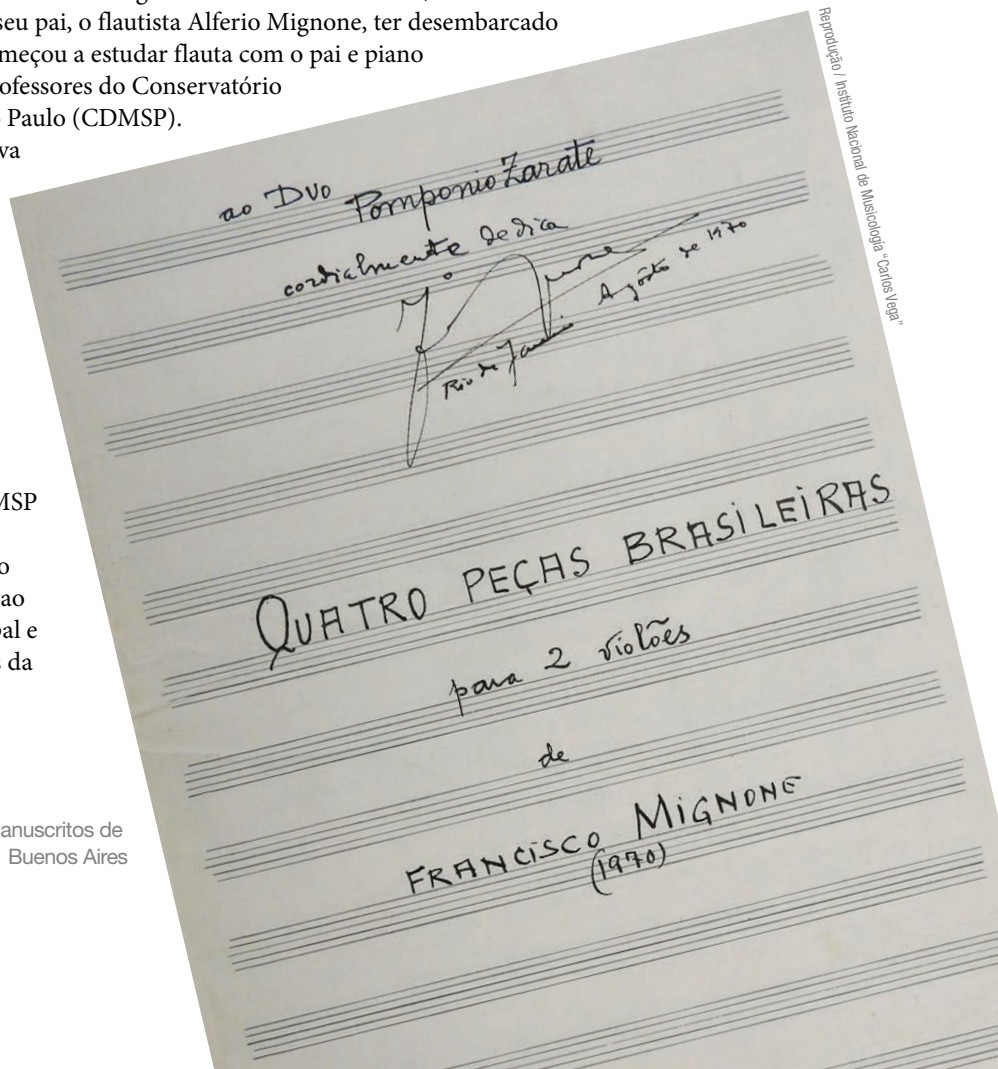
DA INCURSÃO PELO CLÁSSICO AO MERGULHO NA DIVERSIDADE CULTURAL
BRASILEIRA, O PIANISTA E COMPOSITOR FRANCISCO MIGNONE É
REDESCOBERTO PELA NOVA GERAÇÃO DA MÚSICA

Pianista, regente, compositor e professor, respeitado e atuante, Francisco Mignone deixou como legado uma extensa e abrangente obra, que inclui desde peças para os mais diversos instrumentos como piano, fagote, violino e violão, até óperas e grandes obras orquestrais. Herdeiro de um talento nato para a composição, escreveu suas primeiras peças com apenas dez anos de idade e a última, poucos meses antes de morrer, aos 88 anos, em 1986, no Rio de Janeiro. Protagonista na História da Música no Brasil, Mignone é uma das figuras centrais do meio artístico brasileiro do século 20, ao lado de nomes também da literatura, a exemplo do escritor Mário de Andrade (1893-1945), de quem foi amigo e cuja obra se tornou uma referência para o compositor.

Filho de imigrante italiano, Francisco Mignone nasceu em São Paulo, no dia 3 de setembro de 1897, um ano depois de seu pai, o flautista Alferio Mignone, ter desembarcado no Brasil. Ainda criança, começou a estudar flauta com o pai e piano com Silvio Motto, ambos professores do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (CDMSP).

Aos 13 anos, já se apresentava como flautista e pianista em pequenas orquestras, mas foi em 1913 que iniciou seus estudos no Conservatório, que era a escola superior de música erudita e arte dramática na cidade de São Paulo, que oferecia bacharelado em música. Berço de outros artistas consagrados, o CDMSP ficava no Centro da capital, onde hoje funciona a Sala do Conservatório, pertencente ao Complexo Theatro Municipal e sede do Quarteto de Cordas da Cidade.

Manuscritos de
Buenos Aires



Reprodução Instituto Nacional de Museologia "Carlos Veiga"

AMIGO MODERNISTA

No Conservatório, Francisco Mignone foi colega do escritor e ícone da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade [leia matéria [Ecos do Modernismo](#), publicada na Revista E nº 299, de setembro de 2021]. Nessa época, o jovem músico participava de serenatas e compunha peças populares que, mais tarde, publicaria sob o pseudônimo de Chico Bororó. Era conhecido nas rodas de choro nos bairros do Brás, do Bixiga e da Barra Funda, na capital paulista. Paralelamente a essa faceta musical, em 1918, Mignone estreou como solista no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretando o primeiro movimento do *Concerto para piano*, de Grieg.

Dois anos depois, partiu para a Itália, a fim de estudar, como bolsista, no Conservatório de Milão, onde teve como mestre Vincenzo Ferroni. Lá, em 1921, ele escreveu *O contratador de diamantes*, sua primeira ópera, tempos depois interpretada no Rio de Janeiro pela Filarmônica de Viena sob regência de Richard Strauss. Mignone também compôs na Itália a ópera *L'innocente*, em 1927, cujo êxito rendeu-lhe o convite para lecionar harmonia no Conservatório Dramático Musical de São Paulo, retornando, então, ao Brasil em 1929.

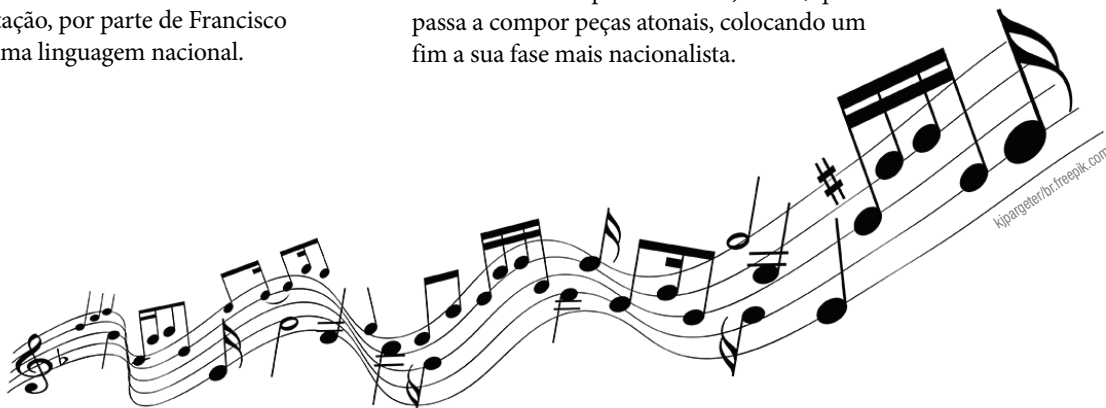
Ainda que a música clássica fosse uma presença perene em sua vida, a influência e a amizade de Mário de Andrade serviram de inspiração para composições cujas referências mergulham nos estudos sobre folclore e tradições populares do escritor e pesquisador modernista. Entre as inúmeras produções dessa época, destacam-se os balés *Maracatu de Chico Rei* (1933) e as peças sinfônicas *Batucajé* (1936) e *Babaloxá* (1936). Compostas entre 1929 e 1936, as quatro peças para piano e orquestra que formam a obra *Fantasia Brasileira* foram consideradas por Mário de Andrade como a definitiva aceitação, por parte de Francisco Mignone, de uma linguagem nacional.



Kazys Vosylus / Domínio Público / Acervo Arquivo Nacional

Registro de Mário de Andrade na década de 1930: escritor modernista era amigo de Francisco Mignone e foi referência para a criação de muitas de suas obras

Já em 1937, na Alemanha, Francisco Mignone assume a batuta da Filarmônica de Berlim, regendo-a na interpretação de obras de sua autoria e de outros compositores brasileiros. Mas foi em 1959, quando é convidado a dirigir o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que ele passa a compor peças atonais, colocando um fim a sua fase mais nacionalista.



kipanger/br.freepik.com

1ª VALSA BRASILEIRA

para 2 violões

FRANCISCO MIGNONE
(1970)

Lento e maestoso

rubato

calmo

a tempo

cresc. e affrettando

molto cresc.

a tempo

rit...

Reprodução / Instituto Nacional de Musicologia "Carlos Vega"

Uma das partituras dos Manuscritos de Buenos Aires, conjunto de obras que o músico e maestro brasileiro compôs para o Duo Pomponio-Zárate, da Argentina



Arquivo CEDOC / FTRMJ

Referência para diferentes gerações da música no Brasil, nessa imagem, o maestro conversa com o compositor Paulinho da Viola (sem data)

REENCONTRAR CORDAS

Em 1970, Francisco Mignone retoma a composição tonal e dá início à produção de obras violonísticas. Escritas para o Duo Pomponio-Zárate – formado pelo casal de violonistas argentinos Graciela Pomponio (1926-2007) e Jorge Martínez Zárate (1923-1993) –, essas peças compõem os Manuscritos de Buenos Aires. Nelas, o músico paulista revisita algumas de suas partituras mais antigas para o piano, só que retrabalhadas com novas seções e técnicas de variação. À época, o Duo Pomponio-Zárate tinha renome internacional e realizava turnês nas principais salas de concerto nos Estados Unidos e em países europeus.

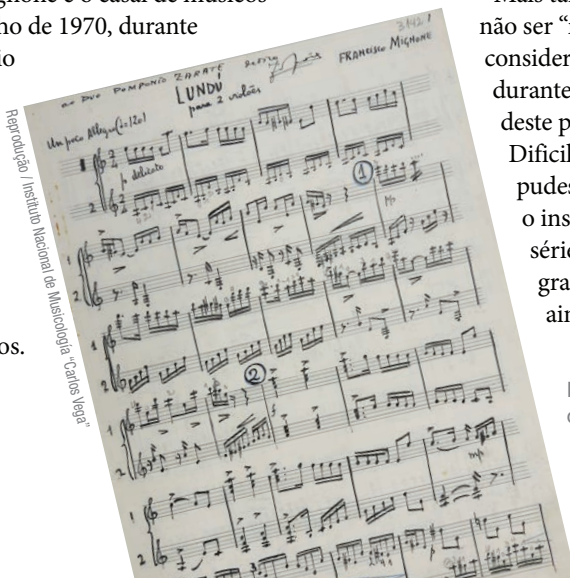
Aliás, a ligação entre Mignone e o casal de músicos argentinos inicia-se em julho de 1970, durante a realização do 2º Seminário Internacional de Violão em Porto Alegre, onde se conhecem por meio de Antônio Carlos Barbosa-Lima, outro importante músico brasileiro consagrado internacionalmente, em especial, nos Estados Unidos. Foi Barbosa-Lima quem

sugeri a Antônio Crivellaro, idealizador do Seminário Internacional de Violão, que trouxesse o duo de violonistas argentinos para o evento.

Nesse seminário na capital gaúcha, Francisco Mignone foi o convidado de honra e teve contato com os mais importantes violonistas sul-americanos da época, incluindo o uruguaio Abel Carlevaro e os irmãos Abreu. Num churrasco, na casa de Crivellaro, Barbosa-Lima incentivou Mignone a escrever suas primeiras obras para violão. Poucas semanas depois, já no Rio de Janeiro, Mignone visitou o amigo e apresentou-lhe os primeiros quatro Estudos.

Mais tarde, em entrevista, Mignone revelou não ser “muito admirador do violão” e que o considerava “um instrumento muito simpático, durante vinte minutos”, uma vez que, depois deste período, tornava-se “cansativo”.

Difícilmente, ele poderia imaginar que um dia pudesse ser convencido a escrever peças para o instrumento e ainda por cima lançar uma série de obras que o colocaria no rol dos grandes compositores mundiais para violão, ainda que tardiamente, aos 73 anos.



Manuscritos de Buenos Aires, de Francisco Mignone

TESOUROS AO LADO

Por muitos anos desconhecidos pelo público brasileiro, os Manuscritos Argentinos de Francisco Mignone foram redescobertos recentemente, após a morte da concertista Graciela Pomponio em 2007 – seu marido e músico, Jorge Martínez Zárate, havia falecido em 1993. Foi então que a filha do casal encontrou as obras do compositor brasileiro no acervo dos pais e decidiu distribuir estas e outras partituras para alunos do Duo Pomponio-Zárate, que também tiveram uma carreira docente.

As peças para violão de autoria de Francisco Mignone ficaram com um rapaz que acabou as embrulhando em um saco de lixo, sem qualquer identificação, deixando-as justamente na portaria do prédio que abriga, dentre várias repartições públicas, o Instituto Nacional de Musicologia Carlos Vega. Resgatados e levados para a Biblioteca do Instituto, os Manuscritos Argentinos foram restaurados e catalogados pela musicóloga argentina Silvina Mancilla.

Anos depois, foram casualmente descobertos pelo contra baixista Fausto Borém, professor da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por ocasião de uma pesquisa no Instituto Nacional de Musicologia. O achado despertou o interesse do também pesquisador e músico Fernando Araújo, que prontamente iniciou um trabalho de investigação das obras (leia boxe Ciclos Inéditos). Em 2017, quando foram celebrados os 120 anos de nascimento de Francisco Mignone, Araújo desvelou os Manuscritos Argentinos ao meio musical brasileiro em tese de doutorado defendida na UFMG.

RARIDADES EM DISCO

Durante a maior parte da carreira de compositor de Francisco Mignone, o violão foi um instrumento praticamente ignorado. Eventualmente, era tocado pelo músico em serestas da juventude. É o que revela o violonista Fernando Araújo, coordenador do Festival Internacional de Violão de Belo Horizonte, no texto de apresentação de *Francisco Mignone: Manuscritos de Buenos Aires e canções para voz e violão*, álbum digital lançado pelo Selo Sesc em 2021 (leia boxe Para o violão). Nele, Araújo divide a interpretação das peças com o também violonista Celso Faria e a soprano Mônica Pedrosa.

Este disco, aliás, trata-se de mais um desdobramento do trabalho de pesquisa que Fernando Araújo vem desenvolvendo sobre os Manuscritos de Francisco Mignone. Durante esse processo, Fernando também percebeu que revelava ao meio musical brasileiro partituras raras que, até então, não estavam registradas no catálogo do compositor.

Para o violonista Celso Faria, especialista em música brasileira, o ineditismo desse disco se deve não só pela raridade do registro das peças de Francisco Mignone para o violão, como também pelo fato de estas serem as primeiras obras de concerto para um duo de violões composta por um músico brasileiro, até onde se tem notícia. “Em 1965, Radamés Gnattali (1906-1988) – compositor e pianista no hall dos grandes nomes da música brasileira – compôs a *Sonatina para Dois Violões e Violoncelo*. Mas, vale frisar: pensada para apenas um duo de violões, esse pioneirismo na música clássica cabe a Mignone, que escreveu os manuscritos em 1970”, ressalta.

Francisco Mignone em pé (à direita) ao lado dos maestros Tavares e Manuel Cellario (piano), durante o ensaio de *Vidigal: Memória de um Sargento de Milícias*, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, espetáculo dirigido por Gianni Ratto (à esquerda) em 1981

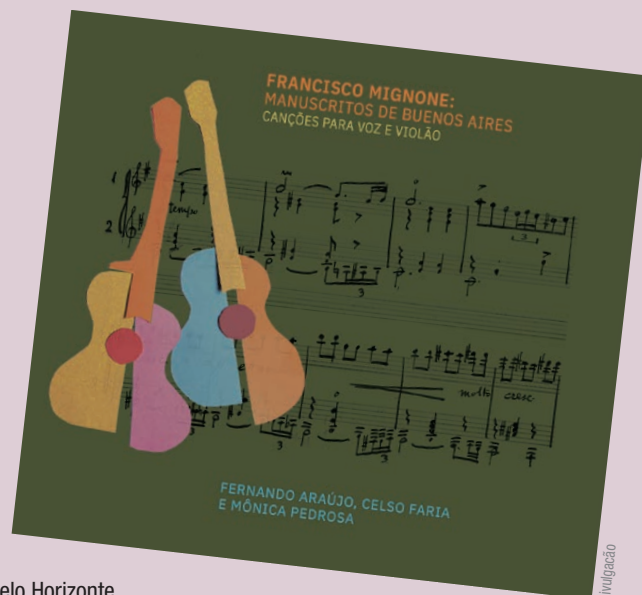


Para o violão

DISCO LANÇADO PELO SELO SESC TRAZ OBRAS INÉDITAS DE FRANCISCO MIGNONE

Lançado pelo Selo Sesc, o álbum digital **Francisco Mignone: Manuscritos de Buenos Aires: canções para voz e violão** reúne obras raras do músico, maestro e compositor Francisco Mignone para o violão. São canções para voz e violão que ganham a interpretação dos violonistas Fernando Araújo e Celso Faria, além da soprano Mônica Pedrosa que, entre outros trabalhos realizados, já integrou o *New York Choral Artists* e cantou junto à Filarmônica de Nova York, sob a batuta de Zubin Mehta e Leonard Slatkin.

Para a gravação deste que é o primeiro registro fonográfico das raras partituras do compositor paulistano, o trio de intérpretes mineiros esteve junto por três meses, entre novembro de 2018 e janeiro de 2019, no Estúdio Engenho, em Belo Horizonte. Com direção musical, arranjos e edição das partituras de Fernando Araújo, o repertório é composto por 13 faixas. Destaque para as *Quatro peças brasileiras*, que compreendem os movimentos *Maroca*, *Maxixando*, *Nazareth* e *Toada*, duas valsas brasileiras para dois violões e ainda *Canção para dois violões*. Completa o álbum o conjunto de oito peças instrumentais intitulado *Manuscritos de Buenos Aires* e a obra *Lundu para dois violões*, única peça que já estava documentada em publicação nos Estados Unidos, datada de 1974.



Divulgação

SERVIÇO: *Francisco Mignone: Manuscritos de Buenos Aires e canções para voz e violão*, álbum digital disponível no **Sesc** e nas **plataformas de streaming**.



O violonista Celso Faria (esq.), a soprano Mônica Pedrosa e o violonista Fernando Araújo interpretam raridades de Francisco Mignone em álbum digital lançado pelo Selo Sesc

Elisa Górvora



IMATERIAL

documentário de shinji shiozaki e felipe santiago

*as relações entre o skate, as artes
e a cidade na visão de skatistas
amadores e profissionais*

estreia **9 de janeiro, 23 horas**

também sob demanda em sesctv.org.br

Sesctv

sesc
**Verão
2022**



BRECHAS

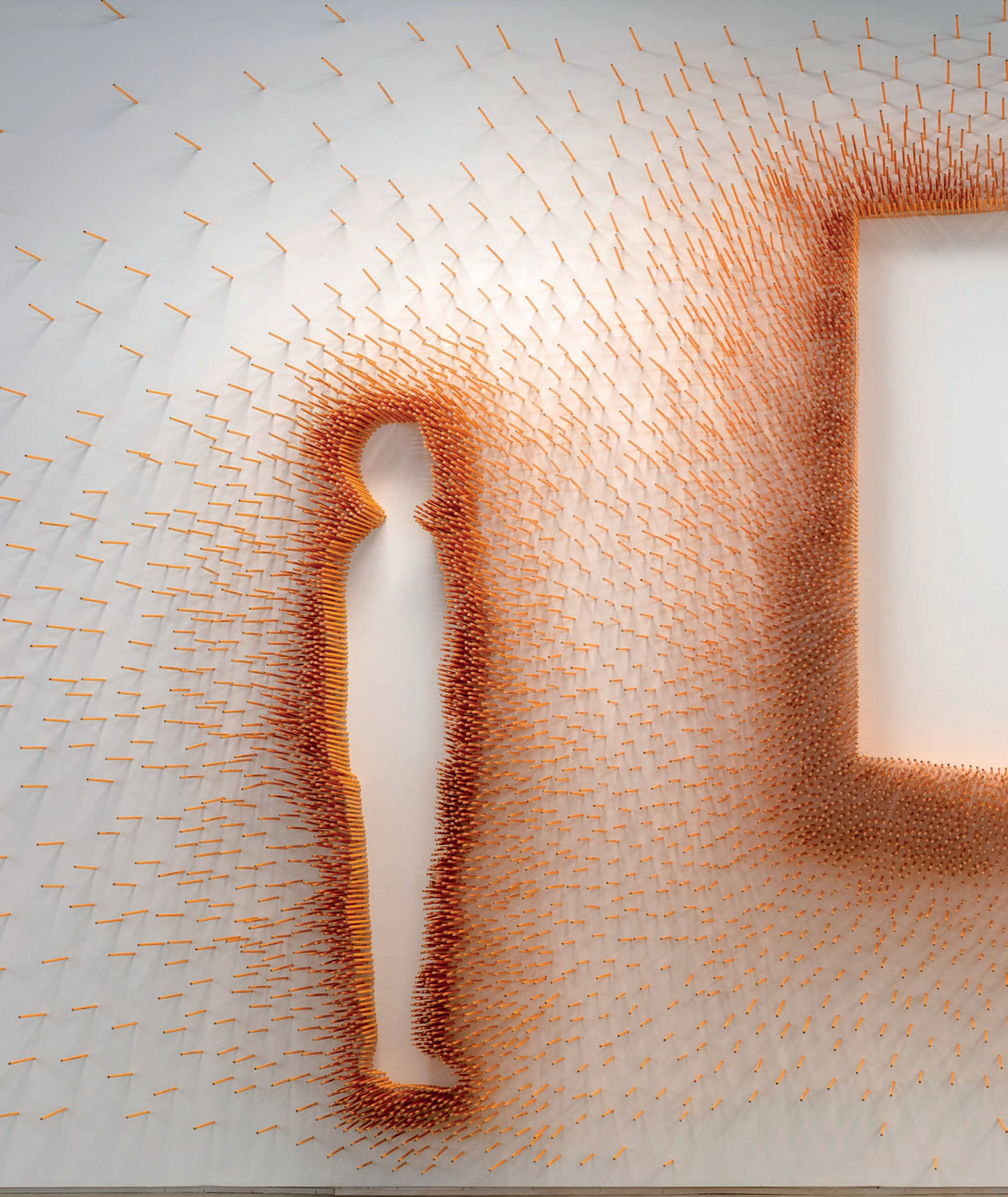
significativas

EXPOSIÇÃO APRESENTA OBRAS
DO ACERVO DO MAM E
RELATIVIZA AS FRONTEIRAS
DE LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Lasunas, vazios e silêncios permeiam as reflexões propostas pela exposição *Ausente Manifesto: ver e imaginar na arte contemporânea*, em cartaz no Sesc Mogi das Cruzes, nova unidade do Sesc São Paulo localizada nesse município do Estado de São Paulo. A mostra marca o início da parceria entre o Sesc e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), e consolida a cooperação das instituições no intuito de democratizar e estimular o acesso à arte. Em exibição, 35 obras selecionadas do acervo do MAM e de seu clube de colecionadores poderão ser conferidas pelo público até 20 de fevereiro.

A iniciativa prosseguirá, nos próximos meses, com ações que devem incluir atividades educativas e outras exposições. “Essa parceria reforça a união de duas instituições reconhecidas pelo fomento à arte e por criar plataformas educacionais para gerar experiências mais ricas e didáticas ao público”, afirma Elizabeth Machado, presidente do MAM. De acordo com Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo, “a mostra inaugura o programa de exposições dessa nova unidade do Sesc no Alto Tietê, reunindo exemplares hábeis em fazer da ausência algo perceptível, fruível em manifestações que relativizam as fronteiras entre as linguagens e mesmo entre estas e o mundo exterior”.

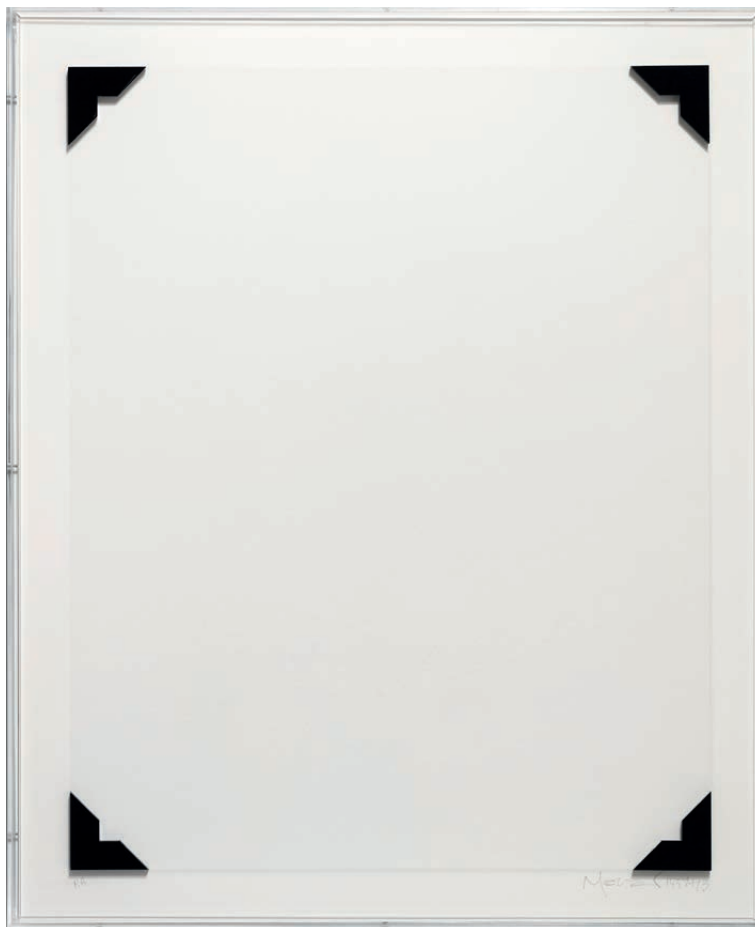
Marepe. *O telhado*, 1998. Telha de barro, madeira e metal. Aquisição Núcleo Contemporâneo MAM-SP



José Damasceno. *Nota sobre uma cena acesa ou os dez mil lápis*, 2000.

Dez mil lápis sobre painel de madeira. Coleção MAM São Paulo, aquisição Núcleo Contemporâneo MAM





◀ Nelson Leirner. *A câmara clara*, 2012. Peças de acrílico coladas e impressão jato de tinta sobre papel colado sobre PVC Clube de Colecionadores de Fotografia MAM São Paulo

Comunicar o implícito

A *usente Manifesto* é assinada por Cauê Alves, curador do MAM, e Pedro Nery, museólogo da mesma instituição. Entre os artistas presentes na exposição, nomes como Adriana Varejão, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Cao Guimarães, Carlito Carvalhosa, Gilvan Barreto, Jonathas de Andrade, Milton Machado, Milton Marques, Nelson Leirner, Nuno Ramos, Rafael Lain, Regina Silveira, Rivane Neuenschwander, Romy Pocztaruk, Sara Ramo, Tadeu Jungle e Waltércio Caldas.

A mostra apresenta trabalhos de criadores contemporâneos que transpõem as divisões das linguagens artísticas. “O recorte curatorial leva em conta, também, obras-projetos de grandes dimensões, que podem ser feitas e refeitas. A partir desse universo,

selecionamos trabalhos que trazem algo que, na aparência, manifesta o vazio, aquilo que não está visível”, explica Cauê Alves.

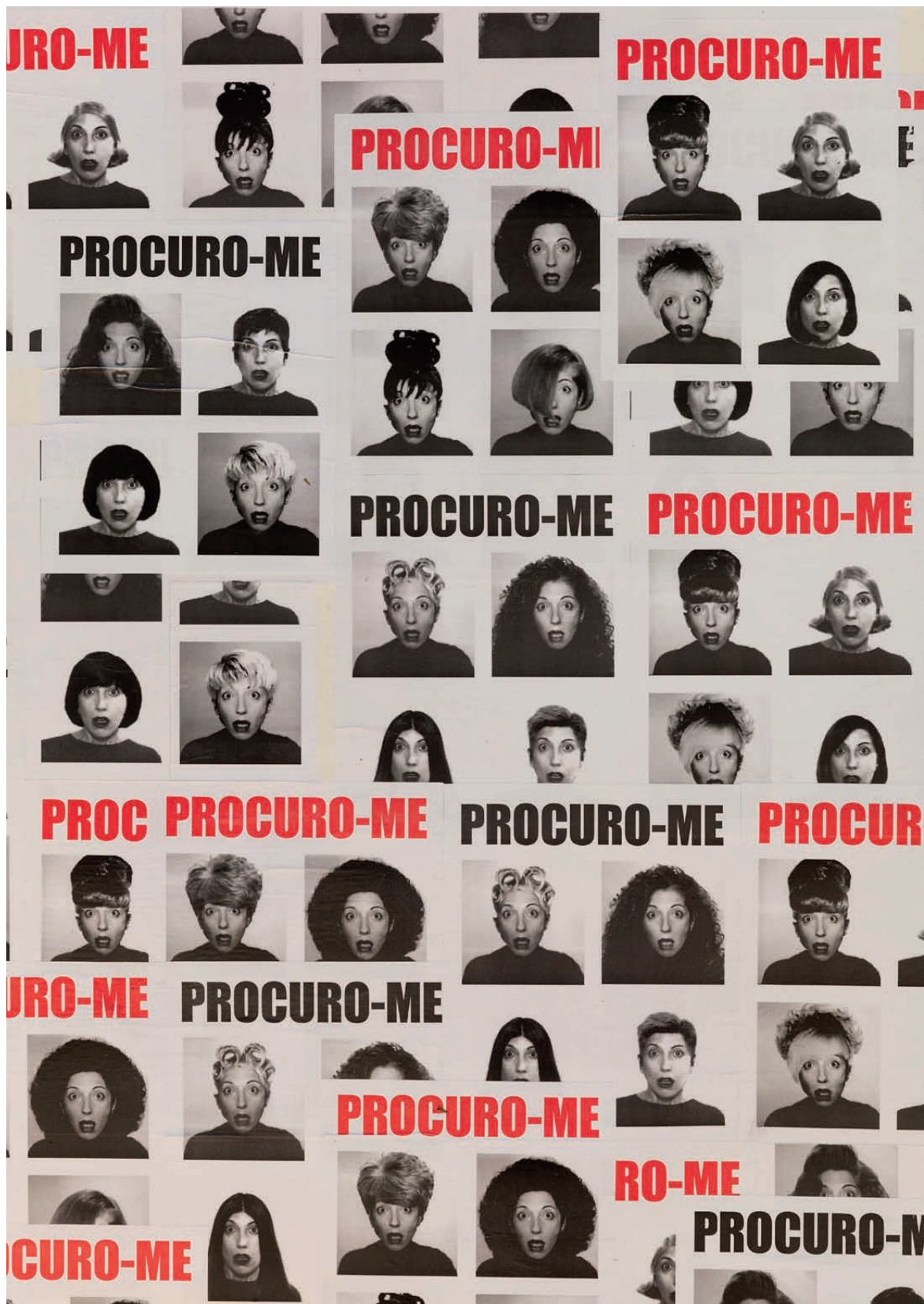
Tal conceito, aponta Alves, atravessa produções como *O Telhado*, de Marepe, *Nota sobre uma Cena Acesa ou Os Dez Mil Lápis*, criação de José Damasceno, e *Procuro-me*, de Lenora de Barros. “Este último, por exemplo, contém a ideia do procurar-se, do voltar-se para dentro de si mesma, de se reencontrar a partir de uma relação entre o que está explícito e aquilo que está implícito, entre a objetividade e a subjetividade do artista”, pontua o curador. “Aquela parte da obra de arte que talvez seja a mais hermética, a mais incompreensível, também tem muito o que nos dizer”, acrescenta.



▲ Nelson Leirner. “Yes, nós temos bananas...”, 2001.

Impressão offset e selo postal colado sobre papel. Colecionadores de Gravura MAM-SP





▲ Lenora de Barros. *Procu-ro-me*, 2002. Impressão offset sobre papel Doação Milú Villela.
Na página anterior, obra exposta

**NOITE E
DIA**



Ernesto Neto 8/13/16

▲ Ernesto Neto. *Noite e Dia*, 2009. Xilogravura sobre papel. Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP



Sentidos possíveis

OBRAS PROPÕEM DISTINTAS LEITURAS A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO ESPECTADOR

Ausente Manifesto: *ver e imaginar na arte contemporânea* é composta por interações entre vídeo e imagem, fotografia e representação e desenho e instalações. Segundo o curador Cauê Alves, o espaço expositivo do Sesc Mogi das Cruzes dialoga diretamente com as obras presentes na mostra, como no caso da instalação da série *Plano de Saúde e Casa Própria*, assinada por Thiago Bortolozzo e Thiago Honório, formada por placas de zinco e madeira e montada no gramado da unidade.

Os trabalhos selecionados ganham concretude ainda a partir do olhar do espectador, como no caso de *Masterpieces (in Absentia: Calder)*, de Regina Silveira, que projeta a sombra de um móbile de Alexander Calder (1809-1976) e o reflete numa parede – assim, distorce a peça que está ausente.

Já em *Mácula*, de Nuno Ramos, é possível ver uma foto tirada diretamente em direção ao sol, o que revela um halo de luz, com inscrições em braille, proporcionando a visualidade de uma experiência primordial de significação.

Serviço

Local: Sesc Mogi das Cruzes.

Visitação: Terça a sexta, das 13h às 22h.

Sábado, domingo e feriado, das 9h às 18h.

Período: até 20 de fevereiro.

Saiba mais em: www.sescsp.org.br/mogidascruzes.

- ▼ Regina Silveira. “*Masterpieces (in Absentia: Calder)*”, 1998. Vinil adesivo e pitão.
Coleção MAM São Paulo, doação Galeria Brito Cimino Arte Contemporânea e Moderna





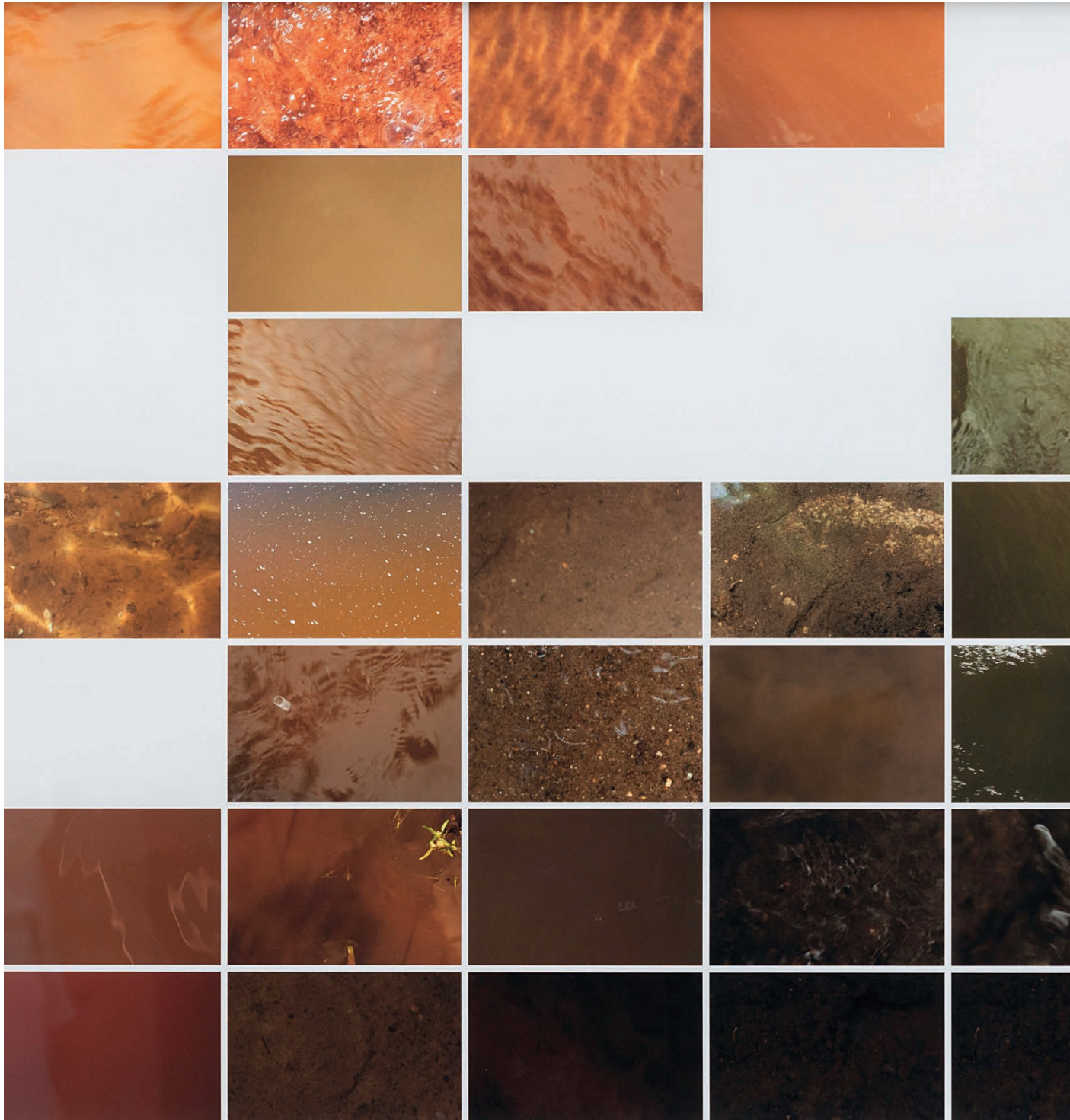


◀ Fabricio Lopez. Sem título, 2010. Xilogravura sobre papel. Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP

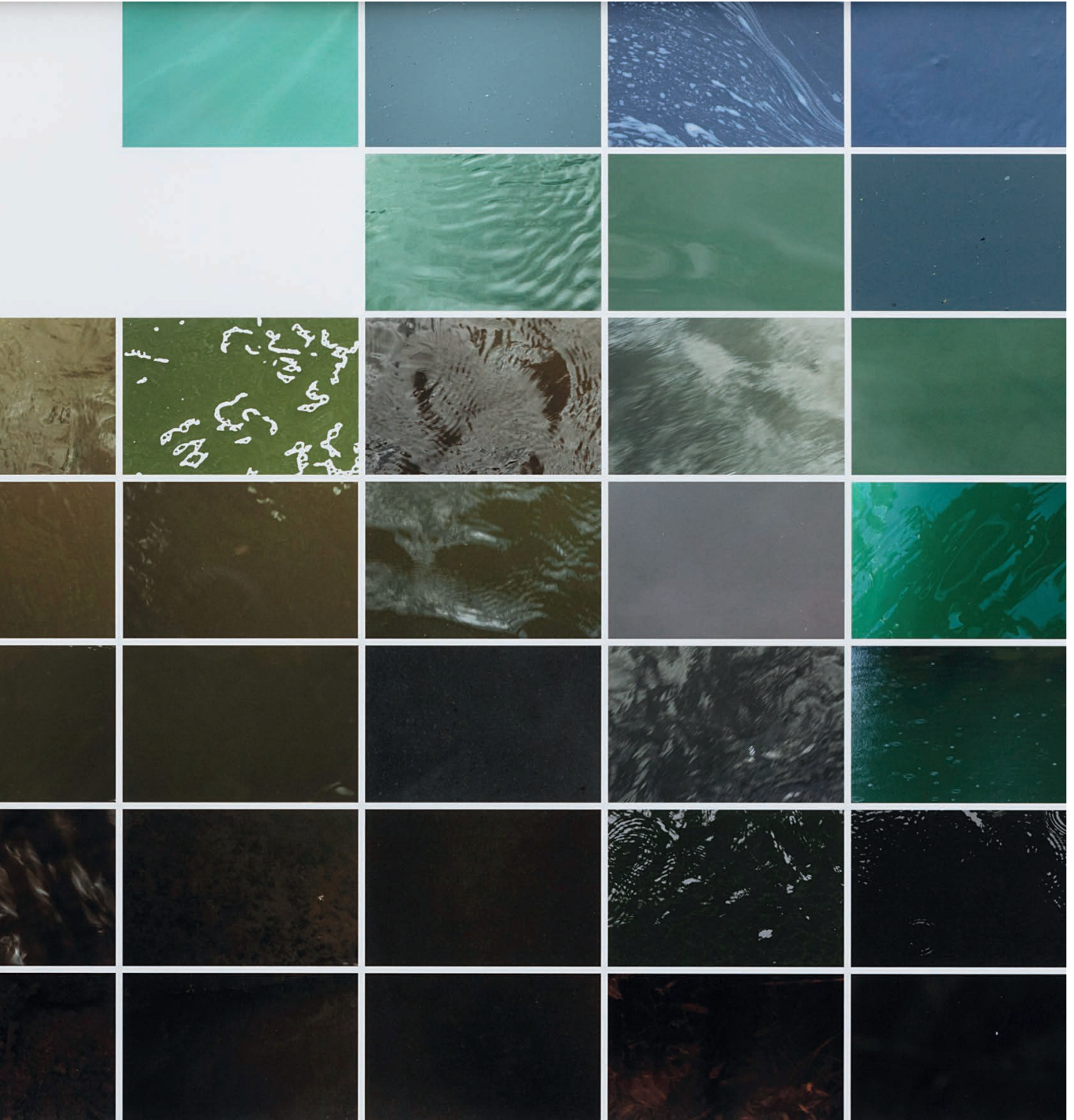


Gilvan Barreto. *Post cards from Brazil — Voo da morte*, RJ, 2016. Impressão fotográfica sobre papel e recorte vazado
Clube de Colecionadores de Fotografia MAM São Paulo





▲ Coletivo Garapa. *Escala cromática do rio Tietê - parte da série A Margem*, 2015.
Impressão jato de tinta sobre papel Clube de Colecionadores de Fotografia MAM São Paulo





▲ Waltercio Caldas. *O colecionador*, 2003. Lito-offset e serigrafia em cores.
Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP



Blonde and Brunette



Indian and Indian

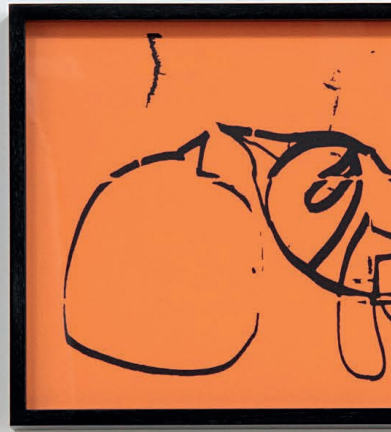
Printed for Arougheti Bros Suez

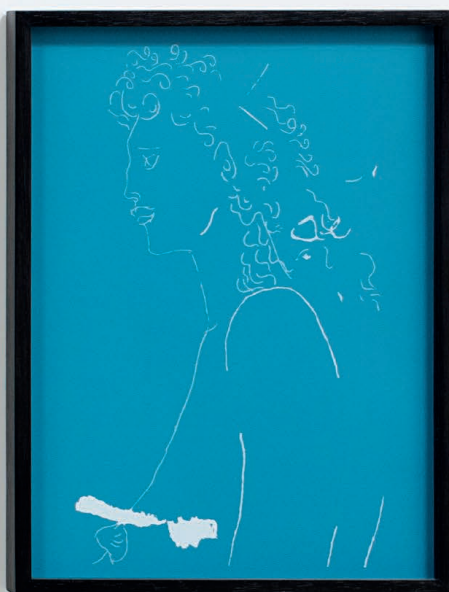
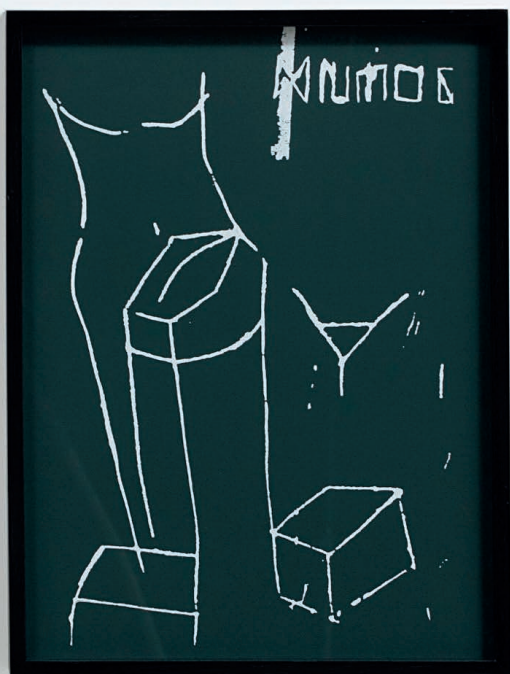


▲ Carlito Carvalhosa. *Regra de dois*, 2010. Alumínio.
Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP



▲ Cao Guimarães. *Histórias do não ver*, 1999/08. Impressão fotográfica sobre papel.
Clube de Colecionadores de Fotografia MAM-SP





Rivane Neuenschwander. *Atrás da porta*,
2007. Serigrafia colorida sobre papel.
Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP



▲ Marcius Galan. *Mapa-múndi político - escala 1:1*, 2010.
Impressão offset sobre papel. Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP

▼ Milton Marques. *Esquece-te de lembrar*, 2012. Madeira, metal, borracha e areia. Clube de Colecionadores de Gravura MAM-SP




Mídia Ninja. *Ruas de junho*, 2013/14.
Impressão em jato de tinta sobre
papel. Clube de Colecionadores de
Fotografia MAM-SP









Thiago Bortolozzo e Thiago Honório.
Série Plano de saúde e casa própria,
2003. Placas de zinco e madeira.
Doação dos artistas

Memórias entrelaçadas

Se aproximar bem os ouvidos das paredes feitas com conchas do mar e outros materiais à mão daqueles que as ergueram em 1532, hoje você poderá ouvir: “Bem-vindos ao Forte de Bertioga”. Mas, no século 16, no lugar dessa saudação o que se ouvia era um alerta. Construído como edificação civil-militar da Coroa Portuguesa, o forte serviu de proteção contra corsários de outros continentes e povos originários, como os Tupinambá, que resistiram à ocupação e colonização ibérica de suas terras. Uma história de disputas e conflitos que atravessou séculos e que foi ressignificada pela população da cidade de Bertioga, litoral norte de São Paulo. No presente, para além dos fatos que compõem a trajetória desse Patrimônio Histórico e Artístico Nacional candidato a Patrimônio Mundial, moradores também preservam uma memória afetiva deste lugar.

São lembranças de brincadeiras de infância, de encontros e passeios de fim de semana, até mesmo de práticas físicas e esportivas no arborizado jardim que circunda a fortificação. Para a moradora Kátia Colaço, esse lugar que se tornou cartão-postal de Bertioga é uma segunda casa. Ela ainda se recorda de quando era criança e seu pai, que já foi administrador do Forte São João, abriu extraordinariamente o espaço para que as pessoas pudessem assistir à passagem do cometa Halley, em fevereiro de 1986. “Naquele ano, meu pai abriu visitas extras para a gente poder ver o cometa”, disse Kátia no documentário produzido para a *Exposição Forte São João*, realizada pelo Sesc Bertioga e Prefeitura de Bertioga, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

EXPOSIÇÃO NO FORTE SÃO JOÃO CONTA A TRAJETÓRIA DESTA
PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL TECIDA POR
DOCUMENTOS E NARRATIVAS DOS HABITANTES DA REGIÃO

Fotografia



Essas e outras reminiscências somam-se a relatos e documentos históricos que tecem a exposição. Entre diferentes camadas narrativas, o protagonismo dessa construção na história colonial brasileira, em especial no século 16, no contexto de invasão europeia e resistência indígena, também é revisitado. O encontro de povos narrado “do ponto de vista civilizatório, que reduz a população indígena a algo menor que os europeus colonizadores” ganha uma perspectiva ampliada para que sejam apresentadas múltiplas narrativas, segundo uma das curadoras da exposição, a museóloga e diretora artística do Museu da Língua Portuguesa, Marília Bonas.

CONHECER, PERTENCER E TRANSFORMAR

Aprender sobre sítios históricos da sua cidade também é fazer parte de onde se mora. Sob essa ótica, Edna Costa, moradora de Bertioga, também deu seu depoimento: “Se você não conhece a história do lugar, você nunca vai se sentir pertencente a ele”. Afinal, essa é também uma forma de se apropriar desses espaços da cidade e parte essencial para sua valorização e preservação.

É também aceitar que, da mesma forma que a população muda com o passar dos anos, alteram-se os significados que abraçam esses ambientes. “O Forte não pode se transformar numa relíquia nostálgica. Na próxima geração, os valores que serão atribuídos a ele não vão ser os mesmos que os de hoje. Dessa forma, vão se criando significados para cada geração que passa”, destaca Vitor Hugo Mori, arquiteto do Iphan.



Passaio pela história

UMA VIAGEM NO TEMPO CONDUZIDA PELA ARQUITETURA, POR INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS, DEPOIMENTOS, ARTEFATOS DE POVOS INDÍGENAS E CENOGRAFIAS INTERATIVAS

Realizada pelo Sesc Bertioga e Prefeitura de Bertioga, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a exposição do *Forte São João* mostra a importância do Forte e seu papel na identidade local a partir de fatos históricos somados a memórias e afetos de moradores da região.

Fotografia



“Essa exposição busca ampliar nossa visão de história do Brasil, incluindo também, no próprio Forte – local símbolo de disputas e conflitos assimétricos –, as narrativas dos vencidos. Daqueles que não têm nome na história. Contando com essas múltiplas vozes, para além da história oficial, a exposição do Forte se aproxima dos outros povos que também fizeram a identidade de Bertioga e, por que não dizer, do próprio país”, complementa Guilherme Leite Cunha, técnico de artes visuais do Sesc Bertioga.

Além da própria arquitetura do Forte e equipamentos militares, os visitantes poderão observar artefatos de diferentes povos indígenas, incluindo uma canoa, cachimbos, cocar, chocalhos, arco, flechas e lanças.

Confira o documentário da exposição Forte São João na página do Facebook do Sesc Bertioga: www.facebook.com/sescbertioga

Outro destaque fica por conta de quatro máquinas cenográficas interativas, cada qual dedicada a um tema. Como a máquina-jogo de pescaria (foto), que fala sobre a cultura caiçara, ou a máquina-jogo batalha naval, que aborda técnicas de pirobalística dos canhões das fortalezas. A exposição ainda é composta por duas pinturas a óleo do pintor Sandro Justo, que é morador de Bertioga.

Resultado de um trabalho coletivo, a exposição tem curadoria da museóloga Marília Bonas e da filósofa e professora indígena Cristine Takuá, da Aldeia Rio Silveira, em Bertioga. “O processo de curadoria colaborativa é trabalhar com algo maior do que você entende e que é o grande valor daquilo que você vai contar. É garantir múltiplas vozes, criar camadas para a dissonância e ceder autoridade”, diz Marília Bonas. Concebida para ser de longa duração, a exposição foi feita, segundo Bonas, “para a cidade se orgulhar e se apropriar, para os professores poderem usar e para os turistas entenderem por que Bertioga é importante”.



Fotos: Fotonativa



Exposição Forte São João

Local: Forte São João, ao lado do Parque dos Tupiniquins, no Centro, em Bertioga

Visitação: 5/12/21 a 4/4/22, terça a domingo, das 9h às 18 horas.

Entrada: Gratuita

Classificação indicativa: Livre

Mais informações: www.secsp.org.br/bertioga

Assista ao **Encontros** com a curadora Marília Bonas no canal do YouTube da **Revista E**: www.youtube.com/channel/UC_j2RRBScuEATZwU2bPYDw.



Viés

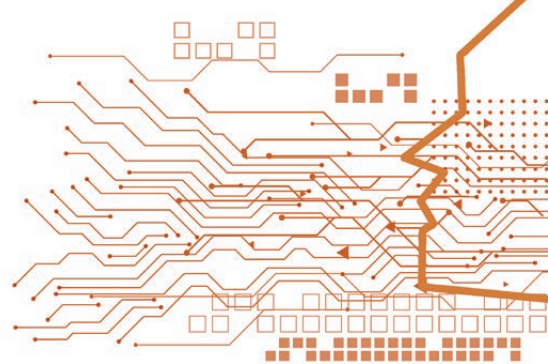
DEMOCRÁTICO

Quais perspectivas teóricas e possibilidades metodológicas estão sendo traçadas nos estudos sobre as democracias contemporâneas?

Em *Mosaico de olhares: pesquisa e futuro no cinquentenário do Cebrap* (2021), lançado pelas Edições Sesc São Paulo, pesquisadores e pesquisadoras refletem a partir de diferentes campos de atuação sobre assuntos como políticas públicas, mobilidade urbana, cultura, tecnologia e inovação. Organizado por Mauricio Fiore e Miriam Dolhnikoff, o livro reúne 19 artigos que repercutem os atuais desafios da pesquisa acadêmica sem apartá-los de seus desdobramentos políticos, traço marcante da história de intervenção pública do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), um dos mais tradicionais centros de pesquisa em humanidades do país. “Reunindo textos de intelectuais que procuram interpretar o momento atual, por vezes questionando explicações recorrentes e gastas, o presente volume nos convoca a interferir nos rumos dos processos em curso e oferece ferramentas para a construção de um futuro mais inclusivo”, escreveu Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo, na apresentação da publicação. Neste *Em Pauta*, leia excertos dos artigos *O novo ciclo tecnológico, a inteligência artificial e o Brasil*, escrito por Glauco Arbix, professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), e *Tecnologia, dados e novas possibilidades para a pesquisa social*, de Carlos Torres Freire, diretor de metodologia, produção e análise de dados da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados).



Tecnologia, dados e novas possibilidades para a pesquisa social



POR CARLOS TORRES FREIRE

A nos atrás, eu estava em um curso sobre Big Data e métodos de pesquisa, participando de uma dinâmica de grupo cujo objetivo era encontrar soluções para problemas públicos utilizando grandes conjuntos de dados, quando um colega da equipe falou: “Vocês das ciências sociais são bons em fazer as perguntas!”. Ele vinha da ciência da computação. Aquilo ficou na minha cabeça e alimentou ideias que eu já tinha sobre o equívoco da separação entre as disciplinas, sobre a necessidade de derrubar certos muros na produção de conhecimento. Isso se torna ainda mais importante em um contexto no qual transformações tecnológicas e sociais estão completamente articuladas. A necessidade de aprendermos com os nossos colegas da ciência da computação, e também de outras áreas, é urgente.

Este artigo trata justamente do ponto de encontro entre mudanças tecnológicas, novos conjuntos de dados e possibilidades inéditas de pesquisa social. E contempla uma breve introdução ao fenômeno Big Data e suas implicações para campos de pesquisa como as ciências sociais e as políticas públicas.

O objetivo é apresentar um panorama sobre a tríade tecnologia, dados e pesquisa social com uma organização em quatro partes. Na primeira, introduzo o fenômeno: definições e características de Big Data; o processo de *datafication* e as fontes digitais de dados; e novas capacidades tecnológicas e analíticas. Na segunda parte, apresento algumas estratégias de pesquisa social com base nas novas possibilidades. Na terceira, organizo aplicações por tipo de dados, como localização, palavras e buscas na internet. Por fim, passo pelos limites e desafios desses usos, como validade dos dados, privacidade e transparência.

Evidentemente, um texto de introdução não contempla todos os tópicos atuais sobre o tema. Primeiramente, decidi limitar a discussão a Big Data, em vez de ampliar para inteligência artificial. Em segundo lugar, espero que cada tópico deste texto e as referências citadas estimulem a abrir uma nova porta, já que não serão devidamente detalhados.

Por fim, há temas que nem serão discutidos aqui, mas que foram objeto de trabalhos de muita qualidade: em política, o uso de fake news e algoritmos para influenciar eleições; o controle da vida por tecnologias combinadas à neurociência nas redes sociais ou por modelos

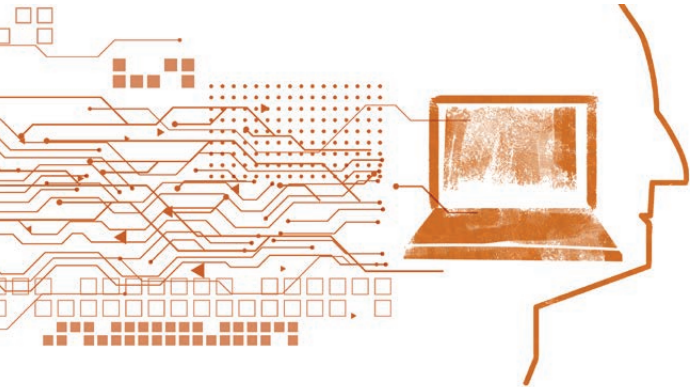
matemáticos que informam decisões sobre emprego e finanças; empresas e o capitalismo de vigilância; e todo ferramental acionado para acompanharmos a evolução da pandemia da Covid-19, com inúmeros painéis de dados pelo mundo e novas técnicas para auxiliar os tradicionais modelos epidemiológicos.

O QUE É BIG DATA

Na literatura sobre o tema, há um entendimento de Big Data como fenômeno (no singular, “Big Data is”) e não só como grandes bancos de dados, como material bruto (no plural, “Big Data are”). Como diz King: “Big Data is not actually about the data”. Há uma produção massiva de dados, sim, mas o que realmente é transformador é a junção disso a uma transformação na capacidade analítica. Ou seja, o que fazer com os dados para melhor compreender a vida social e informar políticas públicas.

Ao longo da primeira década dos anos 2000, disseminou-se a ideia dos “3Vs” de Big Data: velocidade, variedade e volume. A definição é útil e inclui dois elementos essenciais: mais dados disponíveis e maior capacidade de processamento. Salganik lembra que autores mais entusiasmados adicionam outros “Vs”, como valor e veracidade, enquanto críticos adicionam vago e vazio. Também na linha das palavras e iniciais, Pentland define Big Data a partir de “3Cs”: *crumbs* (rastros digitais), *capacities* (capacidade técnica) e *community* (atores).

Para Mayer-Schönberger e Cukier, que escreveram um dos principais livros sobre o tema, “Big Data representa três mudanças no modo como analisamos informação e que transformam como compreendemos e organizamos a sociedade”. A primeira é a possibilidade de usar muito mais dados, com mais amplitude e mais granularidade, ou seja, ir além do *designed-data*, das amostras preparadas previamente para responder a um conjunto de perguntas e da escassez de informação da era analógica. A segunda é lidar com dados mais “sujos”, menos exatos, variados em qualidade e espalhados em servidores pelo mundo. E uma terceira mudança mais complexa, de mentalidade, seria “se afastar da busca por causalidade e descobrir padrões e correlações que levam a novos insights”, com consequências na forma de produzir conhecimento.



HÁ UMA OPORTUNIDADE DE ARTICULAR AS NOVIDADES TECNOLÓGICAS E ANALÍTICAS COM O CONHECIMENTO ACUMULADO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E SUA CAPACIDADE DE ELABORAR BOAS PERGUNTAS

Em direção similar, porém mais crítica, Boyd e Crawford apontam que “Big Data é menos sobre dados em grande quantidade do que sobre a capacidade de pesquisa, de agregar e cruzar grande conjuntos de dados”. Ou seja, a capacidade analítica muda com novos dados e novas técnicas para a compreensão da vida social, mas isso não é panaceia e pode ter consequências negativas – que serão tratadas mais à frente. As autoras definem Big Data como um fenômeno que se baseia na interconexão de tecnologia (capacidade computacional e algoritmos), análise (“identificação de padrões em grandes conjuntos de dados”) e mitologia (“crença de que muitos dados oferecem uma forma superior de conhecimento e inteligência que gera insights nunca antes possíveis, com uma aura de verdade, objetividade e precisão”).

De modo a tentar organizar o debate, De Mauro e outros colaboradores buscam uma definição consensual para Big Data a partir de uma revisão de definições na literatura e também de um levantamento de 1.437 resumos de artigos científicos publicados sobre o tema. Como os autores dizem, consensual, nesse caso, refere-se ao reconhecimento da centralidade de alguns atributos recorrentes que definem a essência do que Big Data significa para acadêmicos e practitioners. Chegam no seguinte: “Big Data representa ativos de informação caracterizados por grande volume, velocidade e variedade que requerem tecnologia e métodos analíticos específicos para sua transformação em valor para a sociedade”.

Enfim, uma consequência da passagem da era analógica para a digital em termos de pesquisa é que mudanças tecnológicas permitem coletar, armazenar, processar, analisar e visualizar dados de formas inéditas. Trata-se de uma oportunidade de combinar o conhecimento acumulado em mais de 100 anos de pesquisa social com novas possibilidades no presente e, principalmente, no futuro.

FETICHE DOS DADOS

É necessário tomar cuidado com o “fetiche dos dados”, que pode levar à incapacidade do olhar crítico para o procedimento de coleta, processamento e análise, como ressaltam Schonberger e Cukier. Boyd e Crawford também criticam o entusiasmo exagerado em relação ao fenômeno Big Data e salientam que é necessário ter

cuidado ao considerar que o grande volume de dados e a busca por padrões é uma panaceia analítica.

Sem dúvida, o surgimento do Big Data permite a quantificação de muitos fenômenos sociais; todavia, é um erro assumir isso como uma saída automática para a objetividade. A organização da informação, com a eleição de atributos e variáveis, é um processo subjetivo. Sempre haverá limites e conflitos em pesquisa social. Ou seja, continua sendo necessário pensar boas questões de pesquisa, operacionalizar os conceitos de forma precisa, definir desenhos metodológicos adequados, escolher estratégias analíticas e cuidar dos inúmeros vieses no tratamento dos dados e resultados.

Nesse sentido, é fundamental a ampliação das capacidades por parte dos atores envolvidos em pesquisa. Isso porque há mais chance de erros, em virtude da maior quantidade de dados e da mistura de diferentes fontes. Também é importante atentar para problemas na extração dos dados e inconsistências no processamento. Finalmente, é necessário entender bem os modelos utilizados nas análises.

Na academia, cientistas sociais e de dados cada vez mais têm trabalhado conjuntamente, compartilhando bases de conhecimento. As agências de estatísticas oficiais estão abrindo mais espaço para se aproveitar de Big Data na produção de indicadores, e governos têm amplo espaço para aprender e se aproveitar dos avanços para as políticas públicas. A sociedade civil tem criado diversos projetos e ampliado o controle social. E o setor privado, que saiu na frente, continua expandindo as possibilidades de atuação. Enfim, a agenda está em ebulição.

Com os devidos cuidados, há uma oportunidade de articular as novidades tecnológicas e analíticas com o conhecimento acumulado das ciências sociais e sua capacidade de elaborar boas perguntas. Isso permitirá o aperfeiçoamento do modo como observamos e analisamos os fenômenos sociais e, conseqüentemente, como informamos e avaliamos as políticas públicas. ■

CARLOS TORRES FREIRE, Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), é diretor de metodologia, produção e análise de dados da Fundação Seade. Foi diretor científico e pesquisador do Cebap e consultor em instituições públicas e privadas, especialmente em projetos sobre políticas públicas, ciência, tecnologia e inovação e mobilidade urbana. Também é professor em cursos de métodos e técnicas de pesquisa.

O novo ciclo tecnológico, a inteligência artificial e o Brasil

POR GLAUCO ARBIX

Ciência e tecnologia, atividades essencialmente movidas pela dúvida, curiosidade e liberdade de pesquisa, além de incipientes e sem estrutura profissional, remavam contra a corrente. As universidades que eram as principais fontes de formação de profissionais encontravam-se sitiadas pelo governo e se debatiam na busca infrutífera da autonomia e da dignidade perdidas. Nessas circunstâncias, a produção de conhecimento novo ligava-se ao esforço individual de pequenos grupos e raras instituições.

A articulação de um sistema robusto de pós-graduação somente começou a funcionar quando o governo passou a reconhecer que não poderia ignorar a universidade se quisesse desenvolver o país, o que aconteceu a duras penas e com alto preço, pago nas moedas da opressão, do corte de verbas e da cassação de professores. O esforço para a elaboração do Programa Estratégico de Desenvolvimento, em 1967, coordenado por Hélio Beltrão, Delfim Netto e João Paulo dos Reis Velloso, deu visibilidade para a extrema carência de pessoal capaz de sustentar os projetos de infraestrutura e indústria que o governo almejava.

Iniciativas para equacionar esse problema central incluíram até mesmo ensaios para uma reaproximação com a universidade, uma vez que as sequelas das mobilizações de 1968 e a resistência de grupos armados à ditadura dificultavam qualquer diálogo. Pelo menos aos olhos e ouvidos do governo. A preocupação com recursos humanos era a chave para que os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs), que seriam executados nos anos 1970, mostrassem viabilidade.

A fundação de centros de pesquisa avançada de estatais como a Petrobras, a Telebras e a Vale do Rio Doce obedeceram a essa lógica, a mesma que orientou o governo a liberar o nascimento da Embrapa. Até mesmo um pequeno-grande feito da engenharia brasileira levou ao lançamento, com êxito, do primeiro foguete totalmente projetado e construído no Brasil, o Sonda II, desenvolvido para experimentos na faixa de cinquenta a cem quilômetros de altitude. Com imprescindível apoio da canadense Bristol Aerospace,

o programa espacial procurava associar o país ao seleto clube que já expandia as fronteiras do planeta.

Desafiados pelo pioneirismo soviético com suas sondas, satélites artificiais e o lançamento do primeiro humano ao espaço, Yuri Gagarin, os astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin caminharam pela Lua no dia 20 de julho de 1969. Era o contraponto americano à então URSS e a resposta ao desafio colocado dez anos antes pelo então presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, para tentar reequilibrar a geopolítica mundial.

O impacto científico desse exercício de *big science* repercutiu na física, na química, na biologia e nas engenharias. Ainda que muitas vezes marcados pelo timbre da política, a inventividade humana se manifestava nos mais diferentes domínios: nos supercomputadores, sistemas de processamento, em microprocessadores, satélites, robôs, na engenharia genética, no DNA recombinante, para citar alguns dos avanços de C&T que funcionariam como plataformas para o século 21. O Brasil procurava diminuir gradativamente a distância dessas novas realidades com alguns passos voltados para a construção de um verdadeiro sistema de C&T, ainda que o contraste com a capacidade instalada nas economias avançadas se mostrasse muito grande.

O Cebrap foi criado em abril de 1969, em um berço nada confortável, dado o déficit democrático que marcava a sociedade. Meses depois, em outubro, num evento à época pouco notado, uma equipe de pesquisadores da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), conseguia conectar dois computadores e enviar uma pequena mensagem ao Instituto de Pesquisa da Universidade de Stanford (Califórnia, EUA).

Não era ainda uma rede, e estava longe de ser a malha global como a conhecemos hoje. Era apenas uma semente que tentava germinar. Tecnicamente, era parte de um pequeno sistema de comunicação entre computadores da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (Advanced Research and Projects Agency – Arpa), ligada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DoD). A Arpanet, como foi chamada, estava



O IMPACTO CIENTÍFICO DESSE EXERCÍCIO DE *BIG SCIENCE* REPERCUTIU NA FÍSICA, NA QUÍMICA, NA BIOLOGIA E NAS ENGENHARIAS

voltada para a comunicação militar, mas veio a se firmar, de fato, como a principal precursora da atual internet.

A Arpanet desbravou um novo caminho para a evolução das tecnologias de informação e comunicação. E, com isso, mudou o metabolismo das economias, o pulso da cultura e da política, assim como toda a vida em sociedade. A era da conectividade ganhava enorme impulso. E os 50 anos seguintes não seriam mais os mesmos, para o bem e para o mal.

O NASCIMENTO DO DIGITAL

É certo que o experimento na Califórnia, há 50 anos, descortinou um novo horizonte para povos e países, ainda que ninguém pudesse prever todos os seus desdobramentos. Mas não é menos verdadeiro que ampliou o gap que separava os países emergentes dos avançados, tornando a busca pelo desenvolvimento novamente mais desafiadora – menos pelas oportunidades que abriu e mais pelo despreparo do país para as mudanças que se anunciavam, cujas consequências se apresentaram rapidamente.

Os objetivos definidos pelos três PNDs, implementados entre 1972 e 1979, perderiam consistência e seriam drenados de sua atualidade. O primeiro PND, alinhado com o Programa de Metas e Bases Para a Ação do Governo (1970), quando o presidente era o general Emílio Garrastazu Médici, pretendia posicionar o Brasil entre as nações desenvolvidas em uma geração. O objetivo era duplicar a renda per capita e promover o crescimento do PIB a uma taxa anual entre 8% e 10% e, com isso, esperava expandir o emprego com baixa inflação.

O segundo PND, o mais bem-sucedido, alterou as métricas do primeiro: queria elevar a renda a mais de mil dólares e o PIB a cem bilhões de dólares em 1977. Seus objetivos básicos voltavam-se para as respostas à crise do petróleo e o fortalecimento dos setores de bens de capital, de energia, eletrônica pesada e infraestrutura. Foi o que mais avançou. O terceiro PND, que previa a integração do Brasil à economia mundial e a conquista de novos mercados, foi pouco mais que um plano de baixa efetividade.

As metas sociais definidas pelos PNDs jamais foram alcançadas. A construção do Brasil como uma sociedade industrial moderna e competitiva mostrou-se distante do novo curso que se desenhava. A indústria prevista por eles mostrou-se descolada dos avanços mundiais, sem conexão com as novas tendências de produção e de serviços que se espalhavam pelas economias. As políticas de substituição das importações e o protecionismo como diretriz de Estado, que estavam na base dos PNDs, não encontravam espaço de diálogo com o novo ciclo tecnológico em pleno desenvolvimento.

Na verdade, os PNDs foram concebidos como parte de uma estratégia nacional que projetava o futuro como desdobramento do passado. O governo militar, de fato, não conseguiu acompanhar o novo curso nascente e as fortes mudanças que começavam a sacudir as economias pelo mundo afora. O Brasil perdeu mais uma oportunidade de dar um salto e ficar na companhia de países como Coreia, Singapura e Taiwan. No final dos anos 1970, após os PNDs, o país vivia o esgotamento do ciclo militar, com a perda de dinamismo da economia, inflação em alta e crise de energia, base poderosa para o florescimento da política guiada por anseios democráticos.

Nos domínios da C&T, e seus esperados impactos na economia e na sociedade, os resultados eram frustrantes. O atraso havia se ampliado. A grande lição, no entanto, que apontava para um esforço concentrado na educação, em C&T e no estímulo a uma maior conexão da economia com o mundo, viria apenas a conta-gotas. Esse é um dos dramas de um país que resiste em aprender com sua própria história. ■

GLAUCO ARBIX é Professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), pesquisador do Cebrap e coordenador da área de Humanidades do Center for Artificial Intelligence (USP-Fapesp-IBM). Foi presidente da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e Coordenador Geral do Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.



Cuidados em dia

MÉDICA PNEUMOLOGISTA E PESQUISADORA DA FIOCRUZ DEFENDE A CONTINUIDADE DE MEDIDAS DE PREVENÇÃO E COMBATE AO CORONAVÍRUS

Ao longo dos últimos dois anos, enfrentamos um dos maiores desafios deste século: a pandemia provocada pela Covid-19. Aprendemos e inserimos cuidados em nossa rotina e acompanhamos um grande avanço da ciência no desenvolvimento de vacinas contra o novo coronavírus. No entanto, a chegada das festas de fim de ano, o anúncio de que haverá Carnaval em 2022, a quarta onda do vírus na Europa e a descoberta de uma nova variante, a ômicron, colocam o Brasil em dúvida sobre como agir neste momento. Uma das vozes de maior repercussão na comunidade científica e um dos principais nomes dentre os inúmeros profissionais brasileiros que trabalham na linha de frente no combate à Covid-19, a médica pneumologista **Margareth Dalcolmo**, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), orienta: os cuidados com a Covid-19 devem continuar. “Nós só poderemos considerar uma epidemia como essa controlada, quando tivermos, no mínimo, 80% a 85% da população completamente imunizada, além de uma taxa mínima de mortes pela doença e de uma taxa mínima de internação pela doença”, faz o alerta. Autora do recém-lançado *Um Tempo para não esquecer – A visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde* (Bazar do Tempo, 2021) e de outros livros, além de possuir trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, a médica fala neste *Encontros* sobre o incessante trabalho da comunidade científica brasileira no combate ao coronavírus, quais cuidados devem ser assimilados em nosso dia a dia, e ainda aponta para o atual grande desafio da medicina: as sequelas pós-Covid.

NÃO ERA PNEUMONIA

Nas últimas duas décadas, a minha área de pesquisa tem sido – sobretudo depois do auge da pandemia do HIV –, as doenças respiratórias relacionadas à imunodeficiência, entre elas a tuberculose e outras doenças causadas por micobactérias que têm sido objeto de muitas de minhas publicações. Particpei do grupo de médicos que assessorou o ministro Mandetta [Luiz Henrique Mandetta, primeiro ministro da Saúde do atual governo, que deixou o cargo em 16 de abril de 2020] na revisão dos guidelines brasileiros para síndrome respiratória aguda, que, na verdade, existia desde a época do H1N1 [tipo de vírus influenza que causou uma pandemia em 2009]. Era outro o panorama do Brasil. Nós viemos a público instados pelo dever de explicar à opinião pública o que estava acontecendo, o que iria acontecer, o prognóstico de cada informação que estava sendo disseminada quer pelos órgãos governamentais, quer pelos órgãos não governamentais, internacionais ou não, nessa pandemia. Gravei uma live para um

blog ligado à nossa área para o qual expliquei que a doença que chegava até nós como uma pneumonia atípica era alguma coisa muito maior do que isso. Essa live, curiosamente, naquele momento – e eu não conhecia ainda o impacto das redes –, foi gravada com o pneumologista Mauro Gomes, um colega de São Paulo que tem um site chamado Pneumoimagem. Fui dormir e ele me ligou à meia-noite dizendo: “Margareth, a live tem mais de 200 mil visualizações”. Eu nem sabia que isso era muito. No dia seguinte, de manhã, enquanto eu tomava café, ele me ligou para dizer que a soma já era de 500 mil visualizações, algo extraordinário. Já no aeroporto de Congonhas, voltando para o Rio de Janeiro, uma jornalista da Rede Globo me ligou e me chamou para ir à emissora. Fui à televisão pela primeira vez, numa longa entrevista de 40 minutos onde expliquei o que era essa pneumonia atípica que chegou até nós e que não era apenas uma pneumonia atípica, mas uma tragédia anunciada.

ACONTECEU NO CARNAVAL

Os primeiros pacientes que nós tratamos no Rio de Janeiro eram oriundos do sambódromo, do Carnaval do Rio. Foi uma imprudência ter deixado acontecer o Carnaval em 2020, como também acho que será uma imprudência deixar que ele aconteça agora. Olha o que está ocorrendo na Europa: a quarta onda está instaurada. Lá, os países ainda padecem de dois problemas que por aqui são diferentes. Um deles é que ainda existe ainda um percentual da população que obedece a esses grupos que se pautam pelo obscurantismo. São os grupos – antivacinas. Felizmente, isso nunca prosperou muito no Brasil, a despeito, inclusive, de um discurso oficial contra as vacinas, menosprezando o poder epidemiológico que elas teriam. No Brasil, nós sempre tivemos uma adesão muito grande da população. O PNI, que é nosso Programa Nacional de Imunização, existe desde a segunda metade da década de 1970 e tem uma confiabilidade e uma aceitabilidade muito grande na nossa população: basta ver o orgulho para um pai e uma mãe ao mostrar a carteirinha de vacinação de seu filho ou a sua própria. São mais de 20 as vacinas disponíveis pelo SUS e isso criou uma cultura de adesão à vacinação muito grande aqui. Alia-se a esse fato uma questão que é clara, mesmo que uma pessoa reaja a esse dado ou a essa adesão: estamos vendo que diminuíram as internações nos hospitais e o número de mortes, e foram as vacinas que fizeram isso.

PUJANÇA CIENTÍFICA BRASILEIRA

A comunidade acadêmica brasileira, apesar dessa diáspora científica, teve uma participação pujante durante a pandemia. Todos os estudos da fase 3 de vacinas – lembrando que o Brasil foi um celeiro para esses estudos,

sendo o país que mais colocou voluntários em todas as vacinas que aqui desenvolveram estudos – tiveram a participação de pesquisadores brasileiros. Todos os *papers* [artigos científicos] publicados têm pesquisadores brasileiros, e isso é uma coisa que muita gente pode não saber e é importante que saiba. O Brasil é hoje o décimo – varia entre o décimo e o 11º país – que mais publicou artigos científicos durante a pandemia, e trabalho na instituição que mais publica, que reúne o maior número de pesquisadores, uma instituição que criou uma planta nova para fazer uma vacina de nova plataforma, a vacina da Astrazeneca Oxford. A Fiocruz teve a iniciativa e nós a acompanhamos desde o começo: tive o privilégio de ser a primeira brasileira vacinada com a vacina da Astrazeneca. Então, a Fiocruz respondeu a uma encomenda tecnológica do Ministério da Saúde e nós vamos fechar esse ano com 185 milhões de doses fabricadas no Brasil entregues ao governo brasileiro. E muitas pessoas não sabem a força das instituições brasileiras públicas.

LIDAR COM A MÍDIA

Estamos acostumados a dar aulas, a arguir bancas, a dar conferências –, mas estar na mídia é uma exposição de outra qualidade. Acho que todos nós enfrentamos, como eu diria, esta pergunta: Você não fica tensa? E eu digo: “Fica tenso aquele que inventa uma história, quem está contando algo que não é verdade”. Quando dou uma notícia que não é boa, e já dei muitas, quando digo que vai piorar, que vai morrer mais gente, estou dizendo a verdade. Então, acho que essa foi uma experiência nova. E toda história tem seus bastidores e esses bastidores não foram simples porque existem pressões. Nem sempre nós agradamos a todos, pelo contrário, muitas vezes desagradamos até o próprio discurso oficial. Nós produzimos um documento, há um ano, dizendo que a cloroquina não servia para nada, que tínhamos que acabar com essa polêmica, porque ela é falsa. Agora, em agosto de 2021, revisamos nosso paper sobre isso – eu estava acompanhada de mais nove pesquisadores, grandes nomes no Brasil – e fizemos esse documento que diz: não há controvérsia, não tem que perder tempo discutindo se serve ou se não serve a cloroquina. Ela não cura nada, não trata nada.

* MARGARETH DALCOLMO esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 19 de novembro de 2021



Desde o início, dissemos: a Covid-19 é uma virose respiratória aguda. E toda virose respiratória aguda se resolve não com remédio, e sim com vacina, sempre foi assim, a exemplo da febre amarela, do sarampo e de outras. Agora, virose crônica, como a hepatite C, como a Aids, essas a gente trata com remédio. Ou seja, tratamos as viroses agudas com vacina: é assim que nós interceptamos a cadeia de transmissão.

MOMENTO HISTÓRICO

Se me perguntassem o que de mais extraordinário ocorreu nos últimos 20 anos no mundo biológico, eu diria: as vacinas para a Covid-19. É o fato de nós termos em menos de um ano, sendo que nenhuma etapa ética fosse burlada, mais de uma dezena de vacinas aprovadas para uso em seres humanos. Sendo que foi feito: desenho, desenho exploratório, testes farmacológicos, fases pré-clínicas 1, 2, fases clínicas 1, 2, 3, registro regulatório – tudo isso em menos de um ano. Isso é algo realmente extraordinário e prova que o ser humano tem que estar preparado porque nós sabemos que outras epidemias virão. Acho que o que está acontecendo lá fora é o prenúncio do que vai acontecer aqui. E está todo mundo cansado de viver num momento que, afinal de contas, modificou as nossas vidas. Eu costumo dizer que são dois momentos de vida: Antes da Covid (A.C.) e Depois da Covid (D.C.). Nossa vida não é mais a mesma. Não adianta dizer que é igual. Vamos ter que usar máscara muito tempo ainda. Quando me perguntam: Por que você defende com veemência o passaporte vacinal? Isso fere um direito pessoal? Não, não tem isso de direito pessoal quando se está falando de uma doença que é capaz de se transmitir como é a cepa Delta, por exemplo: uma pessoa não transmite para outra, como outras doenças se transmitem de pessoa a pessoa. A Covid-19 com a cepa Delta se transmite de uma para cinco, para seis pessoas. Diante desse risco de transmissão, mesmo vacinados, porque, claro que o que intercepta [*o vírus*] é a vacinação, mas a vacinação que nós estamos fazendo até esse momento não é ainda uma vacinação para interferir sobre a transmissão comunitária. Nesse momento, é uma vacinação para diminuir mortes e casos graves de internação. E esse objetivo ela já alcançou. A próxima leva de vacinas, quando houver, as chamadas “vacinas de segunda geração”, provavelmente já vai interferir na transmissão comunitária.

APRENDER COM O PASSADO

Todas as epidemias tendem, sobretudo essas de transmissão respiratória como foram as duas coronavíroses anteriores, a Sars Cov 1 e a Mers Cov – a primeira de 17 anos atrás e a segunda de nove anos atrás –, a ficar restritas aos seus locais de origem porque o vírus não tinha essa capacidade de transmissão tão alta quanto tem o Sars Cov 2. As viroses respiratórias tendem a se enfraquecer com o passar do tempo. Assim como acabou a Sars Cov 1, como acabou a H1N1, algumas vão se tornando endêmicas, outras não. O Mers Cov, por exemplo, desapareceu e não tem mais no mundo. Em geral, quando são muito pandêmicas, elas geram um fato novo. Então, a última grande pandemia da qual nós temos lembrança é a gripe espanhola [*de 1918 a 1920*], que teve três ondas. A segunda onda foi muito mais letal do que a primeira. Mas, por que ela aconteceu? Porque quando a primeira onda arrefeceu era Carnaval e todo mundo foi para a rua. A segunda onda veio devastadora, basta ler os relatos do Pedro Nava [*médico e escritor brasileiro, 1903-1984*]: no Rio de Janeiro, cadáveres eram postos do lado de fora das casas, as pessoas arrancavam a tábuas corridas para fazer caixão. Isso está registrado, é histórico. A gripe espanhola matou 50 milhões de pessoas, ¼ da população europeia. No Brasil, morreu muita gente de gripe espanhola, uma doença letal para a qual não havia nenhum tratamento. Ou seja, quando se fala de futuro, tem que se olhar para o passado. E fico me perguntando – esse é um dilema com o qual eu durmo e acordo – o que é que, nas nossas vidas, a pandemia da Covid-19 vai gerar? Será que ela vai ser capaz de gerar, pelo menos, um olhar diferente para o outro? Será que vamos nos enternecer mais com os horrores que estamos vendo? Com o fato de que um país como os Estados Unidos tem hoje quatro doses de vacina por habitante e que o Haiti, ao nosso lado, uma ilha com uma população pequenina, tem 2% da população vacinada? Essas são questões que me preocupam.

SEGUIR PROTOCOLOS

Nós temos que nos preparar para obedecer a algum tipo de protocolo. Então, por exemplo, no escritório onde você está, no verão, não é muito realista pensar que vamos ficar o tempo todo só de janela aberta, sem ar condicionado. Temos que ser realistas. Acho que todo mundo tem que ficar de máscara. A frequência de vestiários e de banheiros também exige muito cuidado.



INSTAR AS PESSOAS
A COMPARECER
PARA TOMAR SUAS
SEGUNDAS DOSES
OU SUAS DOSES DE
REFORÇO É UMA
OBRIGAÇÃO DE
TODOS NÓS

Peter Ilcicv

As equipes destinadas à manutenção de limpeza desses ambientes também têm que trabalhar com luva, com máscara adequada: máscaras de boa qualidade, não podem ser de tecido, porque muitas não filtram nada. O ideal são as máscaras PFF2, as que mais nos protegem e que têm uma capacidade de filtro muito grande. Existem, inclusive, mecanismos de monitoramento, até aplicativos que já foram criados, do comportamento de um determinado surto para detectar precocemente se aquilo pode ficar um surto, se pode virar uma epidemia e de uma epidemia, uma pandemia, dependendo das características do patógeno, de sua capacidade de multiplicação, sua capacidade de transmissão e de sobreviver em determinados ambientes.

SEQUELAS PÓS-COVID

Se me perguntarem hoje qual o maior desafio da medicina? Eu diria: as sequelas pós-Covid, a Covid longa, como nós chamamos. Não há dúvida de que a Covid-19 deixa sequelas. Pelos trabalhos publicados até o momento, 80% das pessoas que passam pela Covid-19 ficam com algum grau de sequela leve ou grave. Dessas sequelas, 58% são a chamada fadiga crônica, o que exige que todas essas pessoas – são milhões no mundo –, tenham uma reabilitação para recuperação da sua capacidade, quer seja ela funcional ou psíquica. O número de sequelas psíquicas da Covid-19 é algo inaudito, que nós nunca tínhamos pensado. Não só de pessoas que ficaram internadas, intubadas. São pessoas que permaneceram longo tempo internadas, são pessoas que tiveram o sistema nervoso central afetado – lembrando que o vírus atravessa barreiras, então, ele penetra no sistema nervoso central, por isso há muita gente que fica com alteração do humor, dor de cabeça, alteração da visão, surdez, tudo isso decorrente da ação inflamatória do vírus no sistema nervoso central. Os serviços de reabilitação pós-Covid-19 têm um grande desafio e vão ter que se organizar para isso. Hoje, nós temos serviços como o do Hospital das Clínicas em São Paulo, que necessariamente têm de ser multidisciplinares, transdisciplinares, com médicos de diversas especialidades, como pneumologistas, cardiologistas, psiquiatras, fonoaudiólogos, fisioterapeutas respiratórios e motores, e psicólogos para acompanhamento desses pacientes. É muito complexa a síndrome pós-Covid e eu diria que este é o maior desafio hoje.

QUARTA ONDA

A pergunta que não quer calar é: “Nós também vamos ter a quarta onda no Brasil?” Olha, a possibilidade existe. Então, de que maneira prevenir uma nova onda? Mantendo cuidados ditos não farmacológicos, que são esses do bom senso, dos cuidados pessoais e coletivos, de guardar distanciamento e evitar locais fechados, muito aglomerados. O alibi de que se alcançou 60%, 65% de cobertura vacinal da população é arbitrário, ele não vale. Nós só poderemos considerar uma epidemia controlada como essa quando tivermos, no mínimo, 80% a 85% da população completamente imunizada, além de uma taxa mínima de mortes pela doença e de uma taxa mínima de internação pela doença.

FESTAS E CUIDADOS

Considerando que todos nós estamos vacinados e muitos já receberam as doses de reforço, acho que podemos fazer nossos congraçamentos com nossas famílias. Até porque podemos fazer testes previamente e os testes de antígenos funcionam. Hoje, nós já podemos fazer um jantar ou um almoço com nosso núcleo familiar e amigos. Mas não dá para fazer num local fechado, sem janelas, com ar condicionado, todos comendo, falando, sem máscara, porque se uma pessoa estiver doente algumas dezenas podem ficar. O Carnaval é um desastre. Normalmente, há gente de fora, turistas que vêm para o Brasil. E precisamos lembrar que os primeiros casos que nós tratamos no Rio de Janeiro eram oriundos dos sambódromos (em 2020). O que está ocorrendo agora na Europa é uma quarta onda, fazendo com que países tomem medidas sanitárias diferentes, como a Áustria, um país que ainda tem uma taxa da população bastante representativa contra a vacina e que não se vacinou. Há países europeus que têm 40% da população sem se vacinar ainda. Nos Estados Unidos, a despeito de ter quatro doses por habitantes, 40% da população não foi vacinada. Então, acho que nesse sentido, instar as pessoas a comparecer para tomar suas segundas doses ou suas doses de reforço é uma obrigação de todos nós. ■

Assista ao vídeo desse

[Encontros com Margareth Dalcolmo](#)

PONTO DE ENCONTRO

... COM **experiências**

QUE VOCÊ SÓ TEM NA LOJA SESC!

Em janeiro, os livros, CDs e DVDs
estão com descontos de até 60%!

Visite a loja nas unidades
ou acesse sescsp.org.br/loja

Promoção válida por tempo limitado em todas as unidades do Sesc SP.

loja
Sesc

garçom

Por favor, garçom:
– Traga-me o entardecer
Num copo comprido
Com duas pedras de gelo

Ilustrações: Lynise Costa



cães

Quando se mergulha
Nas sombras
Se encontram as dores.
Os medos, suores
Se encontram cães
Com dentes ferozes
Mordendo a luz
Que se esconde do dia
E se perde na noite
Escura e tardia

cabeça pirada

Na minha cabeça
Deuses e demônios
Brigam por você
E a cabeça pirada
Revira como
Um estômago embrulhado



do que eu quis

Do que eu quis
Ficou um querer amargo
De alguma coisa
Que já nem sei
Uma sensação triste
De já ter visto
O que ainda vem

magia dos encontros

O novo de novo
Na magia dos encontros
Imprevistos
Truque do destino
Porta que se abre
Para o possível
O desejado
E o infindo.

velha louca

Esse amor é uma surpresa
Uma represa a arrebentar
Uma fogueira acesa
A goles de vinho
E beijos na boca
E as molas da cama
Gritando e gritando
Como uma velha louca
Parecem dizer
Que te amo,
Te amo, te amo



o medo que tenho

Entre o que penso
E o que faço
Há o abismo
Em que se esconde
O medo que tenho
De ser o que sou

multidão

Eu sou muitos
Eu sou tantos
que a minha cabeça
se espanta
com a multidão
que habita
as fronteiras
do meu corpo

a cara do futuro

Eu vi a cara do futuro
Ele tinha as rugas do passado
E o jeito amargo
Dos desesperançados



a peça que faltava

Podendo ser
Tantas coisas
Eu escolhi
Ser a peça
Que faltava
No teu quebra-cabeças

solos lamentosos

Em todas as músicas
Que possa ouvir
O que mais gosto
Será sempre
Os solos lamentosos
Que alimentam
Minha solidão
De abandono
Nostalgia e beleza



a tua rua

A carne crua
A pele nua
Tem o endereço
Do meu desejo
E por destino
A tua rua

luz da madrugada

Procuro a luz da madrugada
E caminho sem destino
Destino dos sem caminhos:
Procurar a luz
Que vem do nada
De deuses que já partiram
Ou talvez
Sequer chegaram. ■



PAULO MENDONÇA é compositor, escritor, cineasta, fotógrafo e vice-presidente da Academia Brasileira de Cinema. Os textos publicados nesta seção **Inéditos** fazem parte do livro *Pequenos Poemas Insanos*, ainda não publicado.

SÃO PAULO 468 ANOS

A cidade em livros



COLEÇÃO ARQUITETOS DA CIDADE: SIAA

Francesco
Perrotta-Bosh (org.)

Editora Escola
da Cidade
e Edições Sesc



VÁRZEA DO CARMO A PARQUE DOM PEDRO II de atributo natural a artefato

Vanessa Costa Ribeiro

EM BREVE



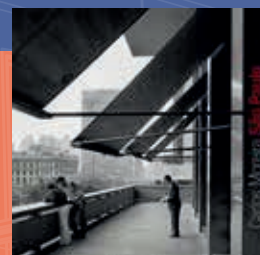
-30%
na loja
Sesc

A PIRÂMIDE DO PIQUES
São Paulo narrada
pelo Largo da Memória
Gustavo Piqueira



-40%
na loja
Sesc

**MERCADOS E FEIRAS
LIVRES EM SÃO PAULO
(1867-1933)**
Francis Manzoni

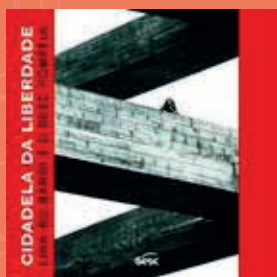


**CARLOS MOREIRA -
SÃO PAULO**
Rosely Nakagawa (Org.)
Edições Sesc São Paulo e
Editora Tempo d'Imagem



-30%
na loja
Sesc

MEMÓRIA DA AMNÉSIA
políticas do esquecimento
Giselle Beiguelman



CIDADELA DA LIBERDADE
Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia
André Wainer e
Marcelo Ferraz (org.)



-40%
na loja
Sesc

ERA O HOTEL CAMBRIDGE
arquitetura, cinema e educação
Carla Caffé



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CREDENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente de trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo falecido poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.



- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CREDENCIAL ATIVIDADES

- A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.
- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento. A entrada nas unidades do Sesc é realizada mediante apresentação de comprovante de vacina contra Covid-19.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais. As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Andre Leite Coelho, Andre Venancio da Silva, Andrea De Oliveira Rodrigues, Angela Tereza Belei, Barbara Caroline Da Silva Ramos de Freitas, Barbara Cristina Roncati Guirado, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Freitas Curaca, Camila Oliveira da Silva, Carolina Barbosa de Melo, Claudia Cassia de Campos, Cleverson Rago Ferreira, Corina De Assis Maria, Cristiane Toshie Komesu, Cristina Fongaro Peres, Daniel Tonus, Daniel Henrique da Silva Leite, Daniela Garcia de Goes Monteiro, Daniele De Moura Belluco, David Katayama Arnaud Sampaio, Denise Miréle Kieling, Diego De Paula Lemos, Diego Da Silva Oliveira, Diego Polezel Zebele, Diogo De Moraes Silva, Edmar Rodrigues De Fátima Júnior, Eduardo Santana Freitas, Eduardo Saad Franklin, Fabia Lopez Uccelli dos Santos, Fabio Henrique Miranda dos Anjos, Fabricio Floro E Silva, Fabricio Leonardo Ribeiro, Felipe Zaballa Ventura, Felipe Sabino da Silva, Fernanda Porta Nova Ferreira da Silva, Fernanda Cristina Pereira De Oliveira, Fernando Amodeo Tuacek, Humberto Ochi, Ieda Maria de Resende, Igor Cardoso do Prado, Ivanildo Rodrigues Da Hora, Ivy Granata Delalibera, Izabela Maria Borges Piazzi, Jade Stella Martins, Jair De Souza Moreira Júnior, Jefferson De Almeida Santanielo, Joao Paulo Leite, Leila Yuri Ichikawa, Leonardo Calix Soares, Leticia Do Carmo Dalla Valle, Leticia Castilho Alvares, Ligia Damineli, Luciane Tosin Garcia Motta, Luciano Domingos Da Silva, Lucio Erico Soares Cunha, Luiz Eduardo Rodrigues Coelho, Marcel Antônio Verrumo, Marcia Aparecida Bonetti, Marcos Ramon Filho, Maria Fabiana Ferro Guerra, Maria Odete Ferreira Marcondes de Salles, Mariana da Rosa Silva, Michele Cristiane Celestino, Mídiã Claudio Silva, Noedy Urbani, Patricia Piquera Vianna, Patricia Regina Marques, Paulo Henrique Vilela Arid, Priscila Rahal Gutierrez, Rafael Castori De Andrade, Raquel Claro Vargas, Rejane Pereira Da Silva, Renan Cesar de Abreu, Renata Barros Da Silva, Renato Perez de Castro, Renato José Pereira, Ricardo De Oliveira Silva, Ricardo Jose de Carvalho Tifona, Roberta Oliveira dos Santos, Rodrigo Heleno Toledo, Rogeria Goncalves da Cunha Vallim, Ronaldo Domingues De Araújo, Rosimeire Vanderlisa Coelho, Ruan Carlos Da Silva Coordenação, Sofia Calabria Y Carneiro, Sandra Regina Pinto Pedro, Sandra Regina Ferreira Lapa, Sergio Francisco Seabra Moreira, Sheila De Sá Budney, Sílvia Aguilhar da Cruz, Simone Barbosa dos Santos, Tamara Demuner, Tatiana Caetano Camargo, Tatiana Busto Garcia, Terezinha Augusta Gouvêa, Thais Ferreira Rodrigues, Thais Cristina Kruse, Tiago Marchesano, Ubiratan Nunes Rezende, Viviane Machado Lemos, Zeno Lucio Dos Santos Prazeres Filho

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Editora executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luysy Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledo • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórter:** Maria Julia Lledo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior e Nilton Andrade Bergamini • **Supervisão Gráfica:** Héclio Magalhães • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488
 A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br



Fotos: Jose Cordeiro / SP Turis

OLHA LÁ!

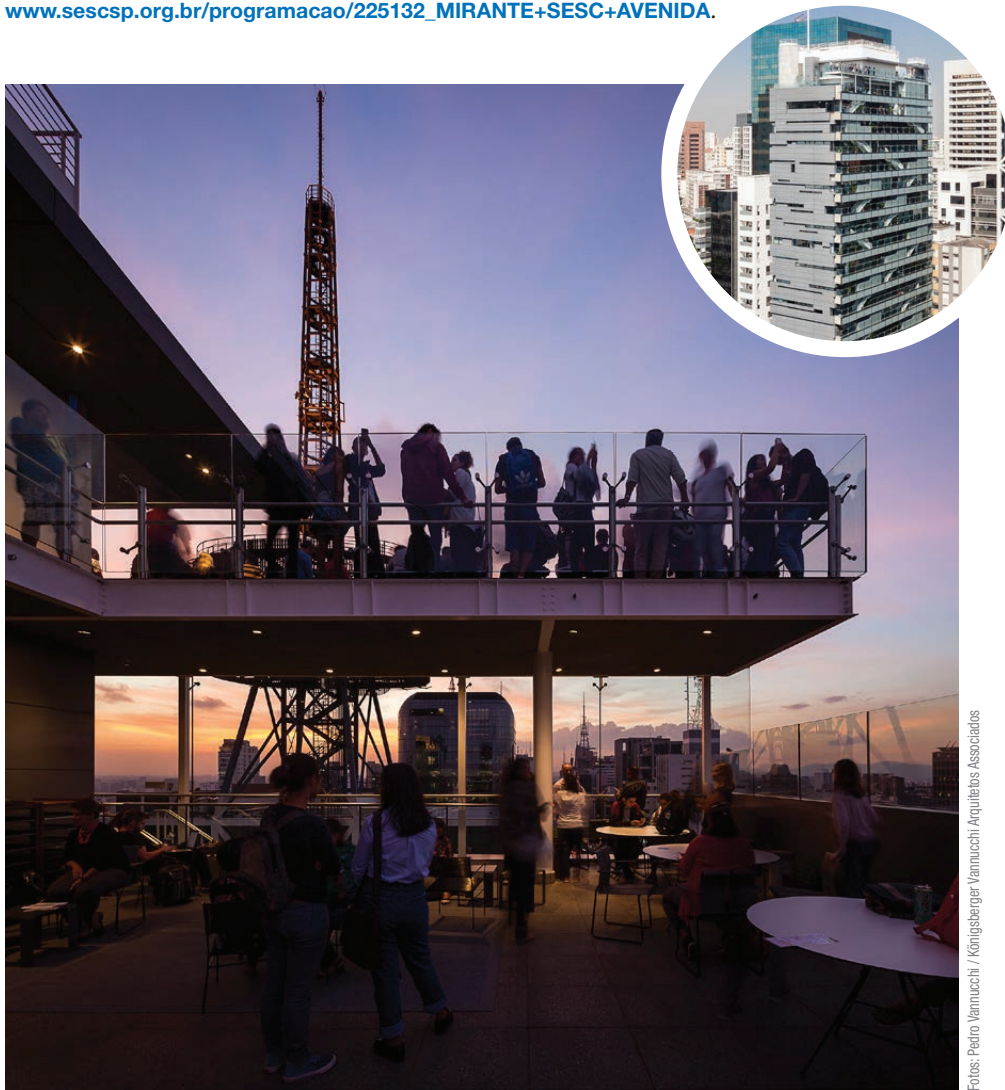
A possibilidade de estar nas alturas e observar o desenho de um centro urbano é algo que atrai a curiosidade de pessoas de todas as idades. Lá do alto, árvores, parques, praças, transeuntes, ruas e carros parecem organizadas peças de uma grande maquete. A partir dessa perspectiva, nos damos conta, por exemplo, da complexa teia que forma a cidade de São Paulo. A fascinação é tanta que não faltam opções de mirantes e de público a aguardar sua vez na fila. Caso do recém-inaugurado Sampa Sky (foto), no 42º andar do Edifício Mirante do Vale, no Anhangabaú, na região central da capital, que conta com um boxe de vidro de onde é possível contemplar e “sobrevoar” a cidade, inspirado em atração semelhante na cidade de Chicago (EUA). Há ainda outros lugares para apreciar uma São Paulo vista de outro ângulo. Confira:





Sesc Avenida Paulista

O mirante no 17º andar desta unidade do Sesc São Paulo já se tornou um cartão-postal da cidade. De lá, temos uma vista privilegiada da Avenida Paulista, percorrendo os olhos do bairro Paraíso à Consolação. Para conhecer, é necessário fazer o agendamento prévio no portal do Sesc São Paulo ou pelo aplicativo Sesc SP. Pessoas com mais de 12 anos deverão apresentar comprovante de vacinação contra a Covid-19, evidenciando duas doses ou dose única. O comprovante pode ser físico (carteirinha de vacinação) ou digital e um documento com foto. O uso da máscara é obrigatório durante toda sua permanência na unidade. Também é necessário apresentar seu ingresso com QR Code na entrada da atividade. Agende sua visita: www.sescsp.org.br/programacao/225132_MIRANTE+SESC+AVENIDA.



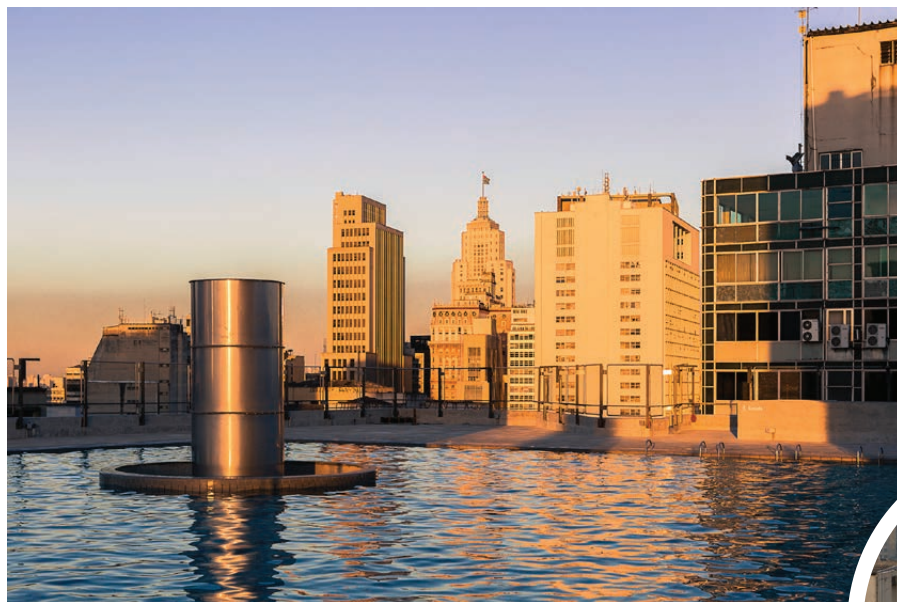
Fotos: Pedro Vannucchi / Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados

MAC-USP - Ibirapuera

Localizado no Parque Ibirapuera, na região centro-sul da capital, o Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo (USP) também conta com uma vista panorâmica exuberante. Quem visita as exposições têm a chance de subir até o terraço do prédio e contemplar a rica vegetação do parque, bem como outros espaços culturais, ruas e construções ao redor. Conheça: www.mac.usp.br.



Jose Cordeiro / SP Turis



Fotos: Matheus José Maria

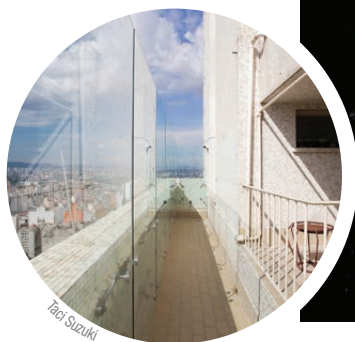
Sesc 24 de Maio

Localizado no Centro da capital, ao lado de construções ícones da cidade, como o Theatro Municipal, a Praça das Artes, a Galeria Olido, a Galeria do Rock e a Galeria do Reggae, esta unidade do Sesc São Paulo surpreende pelo projeto arquitetônico de Paulo Mendes da Rocha [[leia Perfil publicado na Revista E nº 298, de agosto de 2021](#)]. A cada pavimento, o visitante acessa um novo ângulo de observação panorâmica até chegar ao 11º andar, que nos convida a apreciar os arredores dessa região histórica da cidade, berço da cultura metropolitana. Para visitar, não é necessário fazer agendamento. Pessoas com mais de 12 anos deverão apresentar comprovante de vacinação contra a Covid-19, evidenciando duas doses ou dose única. O comprovante pode ser físico (carteirinha de vacinação) ou digital e um documento com foto. O uso da máscara é obrigatório durante toda sua permanência na unidade. Visite: www.sescsp.org.br/24demaio.



Farol Santander

Na praça Antônio Prado, próximo à estação São Bento do metrô (linha azul), região central da cidade, o prédio que ficou conhecido como Banespão (antiga sede do banco Banespa) tornou-se o centro cultural Farol Santander. Inaugurado em 1939, o terceiro maior arranha-céu da capital, com 35 andares, dispõe de um mirante no 26º andar, visitado a partir de ingressos pagos. Lá de cima, um grande painel de vidro protege os visitantes da altura e também os orienta, uma vez que nele foram sinalizados, em adesivos, nomes de prédios históricos da região, bairros e de outros pontos turísticos da cidade. Saiba mais: <https://www.farolsantander.com.br>.



LAZER, IDENTIDADE E AMIZADES

Para além dos laços familiares, percebo que as atividades de lazer são um componente importante na construção de vínculos entre as pessoas. Isto fica ainda mais evidente quando penso sobre como se formaram minhas amizades mais próximas, aquelas que perduraram nesses meus 36 anos, e regularmente aparecem nas fotos “oficiais” de aniversário. Aqueles registros feitos com todos os convidados reunidos, sorrindo e festejando a passagem de mais um ano. Pai, mãe, esposa, tios, tias, primos e amigos se apertando para caberem naquele pequeno espaço de foco que a câmera consegue abranger.

Revido cada um dos meus amigos, penso, opa! Esses caras jogaram basquete comigo! Esses outros jogam *squash* comigo! Essa galera aqui faz parte da minha turma de viagem! E esses aqui fizeram música comigo!

Independentemente de como nos conhecemos, na escola, na faculdade, no inglês, amigo de amigos, no trabalho... todas aquelas pessoas, as mais próximas da minha vida, são as com quem pratico ou pratiquei alguma atividade de lazer que de alguma forma nos aproximou.

Afinal, tem que ter algo especial em praticar esporte, tocar, viajar, dançar com alguém... já que eu estudei com muitas pessoas e trabalhei com mais um bom tanto de gente, mas, no final, aqueles que se tornaram amigos, dignos de posar na foto de aniversário, são aqueles com quem investi meu tempo livre. E entre discussões de “foi falta???”; risadas de um “fica atento que a música vai começar” e a empolgação de “tô de folga esse feriado, vamos para praia?”, parece que nasce algo como uma conexão, uma parceria ou um sentimento de pertencimento por viver tantas experiências juntos.

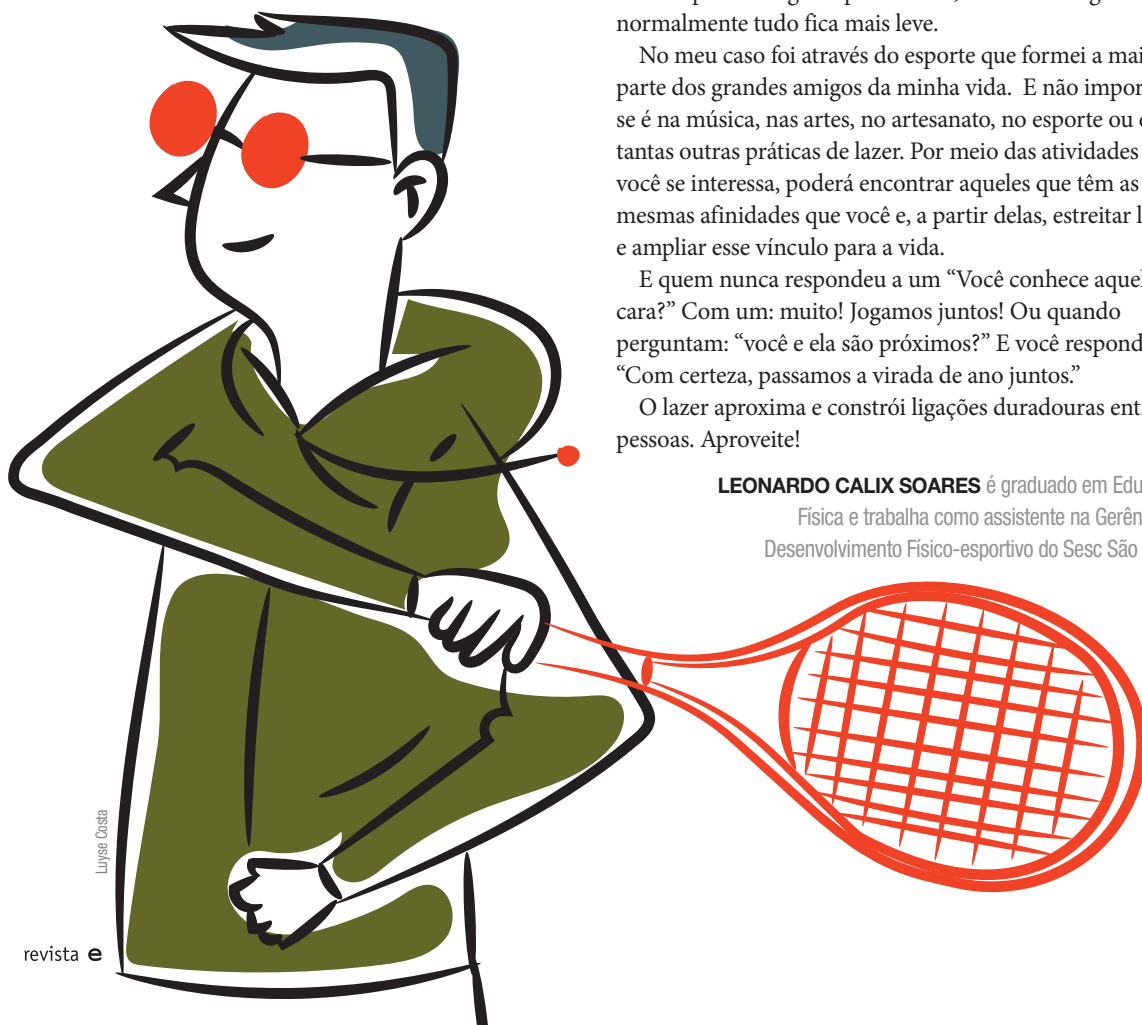
Esta me parece a chave nessa construção de cumplicidade e amizade. Escolhemos investir nosso tempo livre e limitado com pessoas com quem nos identificamos, confiamos e gostamos de ter por perto. E isso parece trazer aquela sensação de que quando você está com a sua turma, tudo fica mais divertido. Histórias são construídas e até momentos não tão legais se tornam lembranças importantes. Tipo aquele dia na praia que choveu, aquele torneio em que não ganhamos nenhuma partida ou aquele dia de ensaio em que acabou a energia e ficamos na mão. Toda experiência gera aprendizado, e com a sua “galera” normalmente tudo fica mais leve.

No meu caso foi através do esporte que formei a maior parte dos grandes amigos da minha vida. E não importa se é na música, nas artes, no artesanato, no esporte ou em tantas outras práticas de lazer. Por meio das atividades que você se interessa, poderá encontrar aqueles que têm as mesmas afinidades que você e, a partir delas, estreitar laços e ampliar esse vínculo para a vida.

E quem nunca respondeu a um “Você conhece aquele cara?” Com um: muito! Jogamos juntos! Ou quando perguntam: “você e ela são próximos?” E você responde: “Com certeza, passamos a virada de ano juntos.”

O lazer aproxima e constrói ligações duradouras entre as pessoas. Aproveite! ■

LEONARDO CALIX SOARES é graduado em Educação Física e trabalha como assistente na Gerência de Desenvolvimento Físico-esportivo do Sesc São Paulo.



Luyse Costa

diversos

22

projetos memórias
conexões

TODA SEMANA

MÚSICA &
LITERATURA
NA SEMANA
DE ARTE
MODERNA

**UM CONJUNTO DE 4 CD'S E UM LIVRETO
COM GRAVAÇÕES FEITAS A PARTIR DOS
CONCERTOS, CONFERÊNCIAS E POEMAS
APRESENTADOS NA SEMANA DE 22.**

IDEALIZADO POR CLAUDIA TONI, CAMILA FRESCA E
FLAVIA CAMARGO TONI, COM DIREÇÃO MUSICAL DE
CLAUDIO CRUZ E PARTICIPAÇÕES DE CRISTIAN BUDU,
HOMERO VELHO, MÔNICA SALMASO, ENTRE OUTROS.

JÁ DISPONÍVEL

Sesc
digital

selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja

    /selosesc

